

# Cumbuca

Araçáju - Ano II • Nº 5 Março/14 R\$15,00



 EDISE



**EDISE**

# Expediente



**Editor**

Amaral Cavalcante

**Produção**

Sônia Pedrosa

**Design Gráfico**

Ananda Barreto  
Clara Macedo  
Felipe Ferreira  
José Clécio  
Designer Convidado: (Teaser Propaganda)  
Ilustradores: Felipe Ferreira e Hortência Barreto

**Revisão**

Rosilene Santos  
Vanessa Góes

**Assessoria Técnica**

Jeferson Melo  
José Alberto (Tidê)

**Consultores nesta edição:**

Ana Libório  
Carlos Cauê  
Hélvio Maciel  
Pascoal Maynard

## Colaboradores - Neste Número

Acácia Rios • Adolfo Sá • Antonio Carlos Viana • Antonio Fernando Pinheiro Pedro • Fabiano Costa • Guilherme Mannis • Hortência Barreto • José Araújo Filho  
José de Oliveira Júnior • José Lima Santana • Lilian Cristina Monteiro França • Pedro Varoni • Victor Hugo de Souza Oliveira • Vladmir Souza Carvalho

# Cumbuca

Ano II | Número 5

cumbuca@segrase.se.gov.br

(79)3205-7421

Rua Propriá, 227 - Centro

Aracaju - SE



**Governo do Estado de Sergipe**

**Governador**  
Jackson Barreto

**Secretário de Estado de Governo**  
Benedito de Figueiredo



**Serviços Gráficos de Sergipe**

**Diretor-Presidente**  
Jorge Carvalho do Nascimento

**Diretor Industrial**  
Milton Alves

**Diretor Administrativo-Financeiro**  
Carlos Alberto Leite Prado

**Cumbuca conta com o apoio da Secretaria de Comunicação Social do Governo do Estado de Sergipe.**

# sumário

## Ao Leitor

*Cumbuca 5* deposita no coração de Aracaju, em oferta aos seus 159 anos, um elegante buquê de orquídeas sergipanas floradas na paciente dedicação de orquidófilos locais. A matéria do jornalista Victor Hugo de Oliveira traz-nos um pouco da história desta misteriosa flor.

Envolvendo o nosso buquê de orquídeas, a persistência da Orquestra Sinfônica de Sergipe, o mais requintado presente que a arte sergipana oferece ao seu apaixonado público.

A 5ª edição da *Cumbuca* dá início a uma série de artigos referentes ao saudoso líder, Marcelo Déda Chagas. Sob o cuidadoso subtítulo: “Anotações para uma história política de Marcelo Déda”, o jornalista José de Oliveira Júnior assina o artigo considerando a prevalência do sentimento republicano na personalidade dessa autoridade política.

Outra personalidade querida dos sergipanos, o professor João Costa, encontra-se aqui retratada pelo seu amigo José Araújo, numa tocante homenagem ao estimado mestre.

Adiante, dois artigos analisam aspectos metalinguísticos que afetam as comunicações na modernidade. O escritor e advogado José Lima Santana discorre sobre “Linguagem Jurídica e Metalinguagem”, e o jornalista Pedro Varoni produz um interessante documento sobre o fenômeno das novas mídias, em “As imagens que nos enredam”. Já a pesquisadora Acácia Rios expõe aspectos atuais no panorama da produção audiovisual em Sergipe, e o quadrinista Adolfo Sá discorre sobre a atualidade do movimento HQ em nosso estado.

Nesta edição, a poesia está representada pelas poetisas Maria Lucia Dal Farra – ganhadora do Prêmio Jabuti, em 2012 –, com o seu livro de poesias *Alumbramentos* e Lara Vieira, grande ativista cultural nos anos 1970/80, que apreendeu, numa precisão sintética, a agoniada linguagem da sua geração.

Da cena das Artes Plásticas, *Cumbuca 5* registra o caprichoso trabalho de Hortência Barreto, em dois excelentes textos: o do escritor Antonio Carlos Viana, apresentando-a no catálogo *Organza*, e o da professora de artes, Lilian Cristina Monteiro França, numa abordagem crítica aos mais recentes trabalhos da pintora. Apresentamos, também, nesta edição, um breve registro da profícua obra do pintor e performer sergipano, Ethel Muniz, residente na França, cujo trabalho vem alcançando valorização e merecido prestígio em várias capitais europeias.

Amaral Cavalcante  
Editor

**26 - João Costa, o professor**

José Araújo Filho

**56 - Poesias**

Lara Vieira

**58 - Poesias**

Maria Lúcia Dal Farra

**70 - A arte de Ethel Muniz**

Antonio Fernando Pinheiro Pedro



**Foto de Marcel Nauer com intervenção da Teaser Propaganda**



**Orquídeas brotando beleza em Sergipe Del Rey**

Victor Hugo



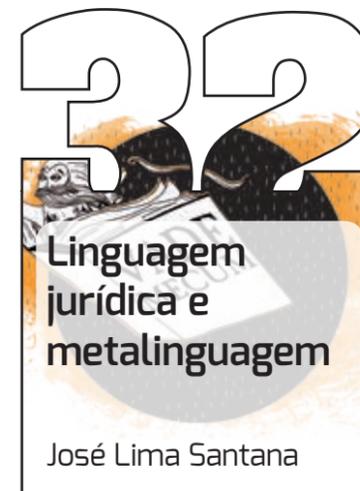
**Sinfônica de Sergipe: um ideal concretizado**

Guilherme Mannis



**Um Governador Republicano**

José de Oliveira Junior



**Linguagem jurídica e metalinguagem**

José Lima Santana



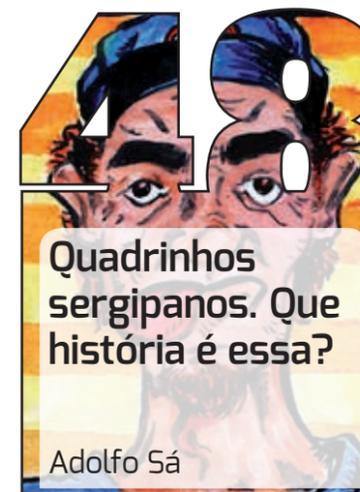
**As imagens que nos enredam**

Pedro Varoni



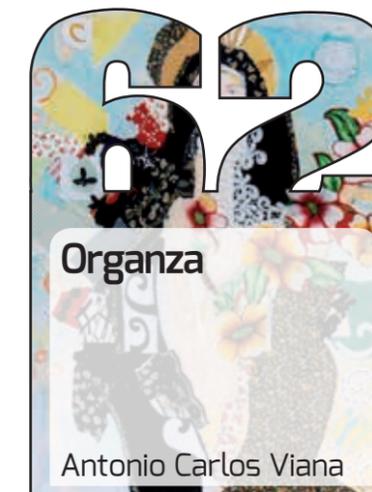
**Audiovisual sergipano: um cenário em ebulição**

Acácia Rios



**Quadrinhos sergipanos. Que história é essa?**

Adolfo Sá



**Organza**

Antonio Carlos Viana



**Certidão de nascimento da cidade do Aracaju**

Vladmir Souza Carvalho



# Orquídeas

Brotando beleza  
em Sergipe Del Rey

*Victor Hugo de Souza Oliveira*

“**A**o maior dos reis leve um buquê de orquídeas”. Conta-se que essa foi a sugestão de uma escrava para a Rainha de Sabá – reino que, segundo relatos, compreende, hoje, a Etiópia –, no longínquo ano 900, antes de Cristo. O palpite da súdita surgiu como um sopro esclarecedor para a soberana, inquieta em mimosear Salomão, rei supremo de Israel.



Num cenário não menos remoto, o filósofo chinês Confúcio também mencionava o aroma inebriante e envolvente da flor, que, na literatura do Extremo Oriente, foi batizada de *Lan*. O fato é que a história referencia a Orquídea e suas mais diversas faces, através de um olhar quase poético, inspirado por sua diversidade e formosura, que lhe são típicas.

Mas o que faz a Orquídea ser *sui generis* de tantas espécies da flora universal, lhe garantindo tamanha evidência em distintos episódios históricos, literários e até cinematográficos então registrados? Quais singularidades permeiam a essência dessa flor que já vivia em realidades tão pretéritas?

Com cerca de 30 mil espécies espalhadas pelo mundo e 3.500 registradas em solo brasileiro, a



Brassavola



Orquidário Sergipe / Foto: Victor Hugo

Orquídea tem concebido cada vez mais orquidófilos em todo o quadrante nacional e motivado um potencial mercado de cultivo da planta, de norte a sul do país. Em Sergipe, a tendência chega de forma tímida, mas desvendando as particularidades e os refúgios dessa flor de personalidade múltipla, de leste a oeste das terras do cacique Serigy.

### Flores que cativam

Naturais da família *Orchidaceae*, da ordem *Asparagales*, as orquídeas têm conquistado um público fiel no Estado. Sua capacidade de adaptação aos mais

adversos climas, bem como sua infinidade de formas e cores, tem situado a planta no rol de preferências dos sergipanos.

Imbuída de uma considerável carga simbólica, as orquídeas vêm sendo requisitadas como protagonistas em casamentos, como escolha para presentes de aniversário, como decoração domiciliar e o cultivo propriamente dito. É o que confirma a empresária e orquidófila, Sônia Maria Mendonça, responsável pelo Orquidário Sergipe, em Aracaju.

Atuando há pouco mais de dois anos no ramo, a empresa vem registrando um aumento significativo na saída de orquídeas de contornos e perfumes variados. Segundo Sônia, a aquisição da flor era diretamente associada, por muito tempo, àqueles com alto poder aquisitivo, o que tornava mais distante o seu cultivo doméstico.

“No primeiro ano, percebíamos certa resistência na procura, devido a esse mito de que as orquídeas são caras, frágeis e morrem com facilidade. Mas não é bem assim. Com bastante esclarecimento, hoje, as pessoas enxergam as orquídeas com outros olhos. Atualmente, vendemos mudas de R\$10 até R\$1900, com a planta completa”, relata a orquidófila.

Química Industrial por formação, Sônia convive de forma quase siamesa com as orquídeas por longos 11 anos. Inspirada e firmando parceria com seu irmão, também amante da flor, a empresária realiza, tradicionalmente, uma vez por



Sônia Maria e João Telles/Fotos: Victor Hugo





Cattleya Alma Kee



Phalaenopsis



Miltoniopsis

ano, uma exposição de orquídeas num shopping da capital. Ela conta que a criação do Orquidário Sergipe surgiu nesse espaço, a partir do apelo dos clientes por um ambiente onde pudessem encontrar toda a estrutura e ferramentas para o cultivo de Orquídeas.

“Era difícil encontrar um espaço que fornecesse adubo, vaso, terra apropriada para as orquídeas, além de recomendações de cultivo e identificação de suas espécies. Há uma pluralidade expressiva de orquídeas, e numa trilha, por exemplo, muita gente já deve ter cruzado com essa flor, mas não soube reconhecê-la. Hoje, as pessoas despertaram para o belo”, aponta Sônia.

### Campo fértil

Com seu clima quente e úmido, Sergipe oferece solo favorável para o desenvolvimento das orquídeas e fecundo para o deleite dos orquidófilos espalhados pelo Estado. Espécies como a primaveril *Cyrtopodium Andersonii*, com a formosura de suas flores de nuances amareladas, e a delicada *Catasetum Barbatum* podem ser encontradas em regiões do interior sergipano.

Xodó das orquídeas, o sergipano João Bosco Telles foi além da admiração e da vontade de cuidar da viçosa flor. Prestes a completar Bodas de Alexandrita, com seus 26 anos de amor às Orquídeas, João vem desenvolvendo um inédito levantamento

Fotos: Victor Hugo



Phalaenopsis Cultivars



Phalaenopsis Azul



Phalaenopsis Mambo

de informações sobre as peculiaridades de espécies encontradas em terreno sergipano.

“Sou apaixonado por orquídeas e resolvi pesquisar sobre sua presença no meu Estado, já que, para muitos, elas são quase inexistentes, mesmo para os mais conhecedores do assunto. Sergipe tem uma grande variedade de orquídeas e estou catalogando todas que encontro, que resultará num futuro livro sobre as ‘Espécies de Orquídeas Sergipanas’”, declara.

Em seus estudos, João registrou a presença de **32 espécies** de orquídeas com as mais diversas particularidades Sergipe adentro. A *Cattleya Leopoldii*, por exemplo, também conhecida como *Cattleya Tigrina*, pode ser encontrada em ambientes na região do leste sergipano. Essa planta tem a capacidade de gerar hastes com até 30 flores que variam dos tons marrom-chocolate ao vinho com pintaladas em marron-terra.

No entanto, a que mais se destaca dentre as espécies que compõem a flora orquidária do Esta-



Cattleya Leopoldii



Cattleya Labiata

do, é a *Cattleya Labiata* ou Rainha do Nordeste. Com um perfume que inebria até os olfatos menos apurados, em especial pela manhã, essa variedade vegeta em ambientes úmidos escondidos do Sol e é considerada uma das mais belas e conhecidas orquídeas brasileiras.

“A *Cattleya Labiata* e *Cattleya Leopoldii* são muito usadas em cruzamento das espécies, formando os híbridos. A *Labiata* pelo seu tamanho, e a *Leopoldii* devido às suas pintas nas flores e grande floração”, explica João Bosco, que é responsável pelo Orquidário Brasília, na capital federal, onde vive atualmente.

### Planta da felicidade

Provavelmente, muita gente acredita que semear orquídeas requer quase uma via-crúcis para mantê-la bela e saudável por bastante tempo. No entanto, a orquidófila Sônia Maria, do Orquidário Sergipe, constatou um expressivo aumento de clientes em busca des-

sas flores para o cultivo doméstico, inclusive em espaços pequenos.

“Dessas pessoas que vão ao Orquidário, a maioria são homens que tendem a cultivar a flor. Já as mulheres adotam a Orquídea com fins de decoração. Se você tem uma parede livre na sua casa ou apartamento, ou um bom peitoril na sua janela, o próximo passo será dispô-la de maneira adequada. Elas harmonizam e umidificam o ambiente. Mesmo sem flor, você consegue ornamentar uma casa, apenas com suas folhagens, que são bastante bonitas”, sugere Sônia.

A empresaria alerta, ainda, que o interessado em se tornar orquidófilo deve optar por orquidários idôneos, para evitar comprar plantas com pragas que contaminem outras flores. Além disso, é importante adubar a flor com produtos orgânicos, bem como estar atento aos fatores de temperatura, ventilação, iluminação, adubação e rega.

É certo que Sônia, disseminando o amor às orquídeas, e João, o sergipano que retrata o cenário orquidário da pequena Sergipe para o mundo, são unân-

nimes no requisito principal para a vivência com as orquídeas: sintonia e respeito à natureza.

Guilherme Arantes já entoava, na canção *Orquídea*, que essa “bela menina” é “a mais orgulhosa de tudo o que é flor”. Há quem diga, também, que ela é a flor da felicidade, refletindo na formosura de sua fisionomia a essência daquilo que está encravado no vigor de nossa alma, e permitindo momentos em que homem e flor se transfiguram num único ser, capaz de brotar as mais sublimes pétalas de contentamento. 

## Segredos das orquídeas

### A Baunilha, normalmente utilizada na gastronomia, é produzida por orquídeas

Atualmente, o sabor dessa baunilha é substituído em sua quase totalidade pelo artificial, por ser mais barato e produzido em série.

### As primeiras publicações falando de orquídeas surgiram na Europa

Foi em 1450, depois que o alemão Johannes Gutenberg inventou a prensa de tipos móveis e iniciou a impressão dos primeiros livros. Contudo, só após três séculos que o KEW GARDENS de Londres relacionou as primeiras 15 espécies de orquídeas. Nessa época, o viveirista Conrad Loddiges, de origem alemã, teve bastante destaque na Inglaterra. Pelo que se conta, ele foi o primeiro cultivador de orquídeas em proporções comerciais.

### Nem toda Orquídea cheira bem

A *Pleurothallis foetens* é a Orquídea com odor mais desagradável do Brasil. Para isso, esse tipo de flor pode produzir néctar ou abusar de disfarces para aproximar os insetos polinizadores de que necessitam.

### Algumas espécies de orquídeas podem levar até um (1) ano para florescer

Há registros de orquídeas que demoram oito anos para florescer. Existem, também, espécies que duram vinte e quatro horas, a exemplo da *vanilla*, e até setenta dias, como a *Phaleonopsis*.

\*Com informações do “Flores Online”



Cattleya Labiata



Cattleya Leopoldii

# Sinfônica de Sergipe: um ideal concretizado

Poucos eram aqueles capazes de acreditar, no ano de 2007, na possibilidade do estado de Sergipe possuir uma orquestra sinfônica comparável àquelas dos grandes centros. Grande era a desconfiança em torno de um projeto idealista, repleto de inconsistências, que regularmente surgia e desaparecia tal como areia por entre os dedos. No pensamento de muitos, uma orquestra com pouca qualidade só onerava o Estado com seus numerosos (mas baixos) salários, e não substituíam, na visão dos mais abastados e viajados, as andanças por casas de óperas e espetáculos no Rio de Janeiro, São Paulo, até mesmo em Viena, Milão ou Nova York. Na visão da população em geral, por sua vez, não havia nenhuma ideia e interesse por este projeto, tão distante da expressão e da compreensão coletiva. Aos poucos, tudo foi se transformando.

Nascida em 1985, a Sinfônica de Sergipe iniciou seus trabalhos com o maestro Rivaldo Dantas, utilizando preferencialmente músicos da Bahia e outros estados, que vinham esporadicamente para os concertos e para ministrar aulas. No decorrer dos anos, no entanto, o projeto sofreu inúmeros revezes, com o corte paulatino de verbas, desistência por parte de seus profissionais, des-

motivação e falta de envolvimento do público. Muito se fez no âmbito da SCAS (Sociedade de Cultura Artística de Sergipe) para se trazer ao estado grandes concertos e artistas, e Aracaju pôde desfrutar de excelentes apresentações comparáveis às dos melhores teatros brasileiros; no entanto, a produção de música clássica local estava longe de satisfazer o público e gerar, nos músicos sergipa-

nos, ânimo suficiente para novos passos. A ORSSE surgia, tocava alguns concertos, acabava, e, por mais que se tentasse, pouco ou nada se fazia concretamente contra a situação.

No afã de recolocar em prática o sonho de se produzir uma orquestra local, por volta do ano de 2003 o então secretário de estado da Cultura, José Carlos Teixeira, ele mesmo ligado à SCAS e polí-

# O REGENTE

Natural de São Paulo, Guilherme Mannis é considerado pela Revista Concerto um dos grandes talentos da nova geração de maestros brasileiros. Vem sendo convidado regularmente por importantes orquestras brasileiras e internacionais para a participação em suas temporadas de concerto, dentre as quais, destacam-se: a Petrobras Sinfônica, Amazonas Filarmônica, Sinfônica do Paraná, Orquestra Experimental de Repertório, Sinfônica de Roma, Sinfônica de Rosário (Argentina), World Youth Orchestra (Itália), Sinfônica de Monterrey (México) e Sinfonia Toronto (Canadá), entre inúmeras outras. Há 7 anos é diretor da Sinfônica de Sergipe, estabelecen-

do-a de forma definitiva no cenário cultural brasileiro e desenvolvendo projetos de relevância para a população sergipana. Segundo o maestro, uma orquestra sinfônica deve popularizar o acesso à sua arte por meio de ampla divulgação, ingressos populares e distribuição de cortesias, projetos didáticos e circulação, com a realização de concertos por toda a capital e interiores. Guilherme Mannis é graduado e mestre em música pela Universidade Estadual Paulista, e foi discípulo dos maestros John Neschling e Isaac Karabtchevsky, principais expoentes da música clássica brasileira nas últimas décadas.



Guilherme Mannis

tico experimentado, decidiu proporcionar à Sinfônica uma nova oportunidade de recriação e reestabelecimento. De forma sempre muito idealista, o então secretário atrelou, ao seu modesto orçamento, uma estrutura de cargos da própria secretaria de cultura, e conseguiu, com o então governador João Alves, uma condição administrativa para a reinstalação, em 2005 e 2006, de uma orquestra sinfônica de 60 músicos. Depois de trabalhar com alguns regentes, já no fim de sua gestão, o então secretário buscou, junto a experimentados maestros do eixo Rio-São Paulo e empresários da música clássica, um nome capaz de gerir um projeto de grande responsabilidade. No final de 2006, chega, portanto, a Sergipe o maestro Guilherme Mannis.

Diante de tantas dúvidas, em 2007, assume o governo do Estado Marcelo Déda e o secretário de cultura Luiz Alberto dos Santos. Em atitude ousada e enfrentando a oposição de outros setores da classe artística, governador e secretário decidem ali abraçar o projeto, com a visão

de que uma orquestra seria promotora de uma positiva transformação cultural. Dava-se ali um voto de confiança ao grupo, para que tivesse, finalmente, a possibilidade de um estabelecimento mais duradouro perante o seu público e a comunidade da música clássica brasileira. Vale

“Nascida em 1985, a Sinfônica de Sergipe iniciou seus trabalhos com o maestro Rivaldo Dantas, utilizando preferencialmente músicos da Bahia e outros estados, que vinham esporadicamente para os concertos e para ministrar aulas.

ressaltar que, até então, Sergipe, Aracaju, sua sinfônica e seu belíssimo Teatro Tobias Barreto eram desconhecidos no meio musical clássico nacional.

Arrumar a casa foi fácil? Não. Aquele grupo de músicos foi confrontado com um enorme desafio, que era o de abraçar o pioneirismo de suas atividades, frente a um público desconfiado e desmotivado. Esse desafio, por sua vez, só seria vencido com um trabalho capaz de respirar qualidade e competência ao seu público-alvo, e para que isso fosse atingido, a execução do grupo deveria alçar novos patamares. Aí entrou o trabalho de Guilherme Mannis, na reestruturação artística do grupo, na sistematização dos ensaios, na escolha de repertórios adequados e desafiadores.

Em pouco tempo, o grupo começou a soar diferente, e todos puderam perceber que já ali algo de novo e especial parecia surgir. A resistência insistente a novos parâmetros de responsabilidade perante à arte (cumprimento de horários, estudo individual, educação orquestral) se esvaiu diante da visível melhora da orquestra e a conquista de novos públicos.

Já em 2008, com a casa arrumada, o grupo se vê confrontado com um grande desafio: um convite para um concerto em São Paulo, no Teatro do SESI, em plena Avenida Paulista. Em concerto incrível, a ORSSE lotou

o teatro e teve presenças ilustres na plateia: além do então secretário Oliveira Júnior, incentivador do grupo e entusiasta da música erudita, ali estava o governador Marcelo Déda, que, cheio de orgulho, viu a sua orquestra brilhar numa das cidades culturalmente mais exigentes do país. A partir daí, proporciona-se novo incentivo ao grupo, que, em 2009, abraça uma belíssima turnê no Brasil, encantando plateias de Curitiba (Teatro Guaíra), Brasília (Teatro Nacional), Rio de Janeiro (Sala Cecília Meirelles) e São Paulo (Sala São Paulo). Pronto! Sergipe tinha a sua orquestra, reconheci-



da nacionalmente, inclusive. Um ano depois, o grupo seria convidado, de forma também inédita, a participar do mais importante festival de música clássica da América Latina, o Festival de Inverno de Campos do Jordão (SP).

Paralelamente às grandes conquistas nacionais, a ORSSE seguia sua trajetória local e, pouco a pouco, se firmava perante seu público, com o importante apoio da Secretária de Cultura, Eloisa Galvão, e patrocínio do Instituto Banese, cujo impulso de criação teve a Orquestra Sinfônica como um de seus principais propulsores. As sete temporadas de concertos, desenvolvidas entre 2007 e 2013, trouxeram a Sergipe um sem número de grandes artistas e concertos, dentre os quais destacaram-se os pianistas Nelson Freire, Maria João Pires, Amaral Vieira, Ricardo Castro, Eduardo Monteiro, os violinistas Daniel Guedes e Emmanuele Baldini, os maestros Isaac Karabtschewsky, Luiz Malheiro, Nicolas Rauss, Roberto Tibiriçá, entre muitos outros. Em 2010, Guilherme Mannis traz para Aracaju o competente maestro Daniel Nery para sua assistência, e são criados e desenvolvidos inúmeros projetos capazes de cativar a população em torno de sua orquestra.

As séries de concertos “Cajueiros e Mangabeiras”, desenvolvidas no Teatro Tobias Barreto em dias alternados; “Laranjeiras”, no Teatro Atheneu; e “Sons da Catedral”, na Catedral Metropolitana de Aracaju, provocaram um

incremento grande de público às apresentações da ORSSE, nos mais variados repertórios. Não mais o público esperava apenas as batidas quintas sinfonias de Beethoven ou os danúbios de Strauss, mas sim as Petrushkas de Stravinsky, as Sinfonias de Mahler e Brahms, os concertos de Poulenc ou as estreias de obras contemporâneas escritas especialmente para

o grupo, como a peça “Boa Noite meus Senhores”, do virtuoso compositor André Mehari, ou os Poemas de Tobias Barreto, concebidos por Claudio de Freitas. A série “Orquestra na Estrada”, por sua vez, levou a orquestra para inúmeros municípios do Estado, dando novo ânimo aos inúmeros estudantes de música das bandas e emocionando a todos nos interiores. O projeto “Domingo no Parque”, desenvolvido até 2012, levou a música da orquestra à Sementeira, em concertos ao cair da tarde dos domingos, que tocavam a todos. No concerto de Natal de 2010,

mais de 5 mil pessoas acompanhavam a orquestra ali, retornando às suas casas de modo tranquilo e deixando o parque limpo, civilizado, como nas mais belas cidades do mundo.

O projeto “Sinfonia do Saber”, realizado em parceria com a Secretaria de Educação, trouxe aos Teatros Tobias Barreto e Atheneu mais de 15 mil alunos de escolas públicas do Estado, popularizando o acesso da música clássica. Nestes concertos didáticos, a música de concerto cai de seu falso pedestal e os grandes compositores são capazes de caminhar lado a lado com jovens repletos de sonhos. A interlocução com a cultura local não poderia deixar de estar presente. No ciclo Junino e em outras ocasiões especiais, a ORSSE vem fazendo grandes eventos com a participação de grupos populares, tais como o Brasileiríssimo e Cataluzes; e artistas como Erivaldo de Carira, Antônio Carlos do Aracaju, Patrícia Polayne e Amorosa. Estes sonhos provocados pela ORSSE a um sem-número de jovens de todas as faixas etárias e camadas sociais sergipanas criaram, em Aracaju, uma revolução em torno da música clássica. Não são poucas hoje as escolas de música; o conservatório reestrutura-se para absorver um grande número de estudantes, projetos de ensino de música e orquestras jovens são desenvolvidos na cidade. A nova Orquestra Jovem de Sergipe, projeto do Governo do

Estado que visa a oferecer cidadania através da música clássica a jovens carentes da periferia de Aracaju, já será uma realidade em 2014. Um novo mercado, de música clássica em casamentos e outros eventos, surge e cresce ano a ano. Em suma, a ORSSE revolucionou a tudo e a todos.

Revezes são possíveis? Sim. Muito falta ainda? Bastante. Os salários dos músicos sergipanos ainda se encontram entre os mais baixos do país, e o investimento artístico e em infraestrutura ainda está bem aquém das principais orquestras brasileiras, já excetuando-se os estelares orçamentos das orquestras do eixo Rio-SP-BH. No entanto, a ORSSE já ganhou de seu público um bem incomensurável: o coração. Hoje, Sergipe não vive mais sem a sua orquestra, que é orgulho mesmo para aqueles que não a frequentam. Se há uma identidade entre o grupo e seu público, ela foi concebida com o trabalho de muitos, e para que ela se consolide, muitos deverão trabalhar por inúmeros anos neste projeto: políticos, maestros, músicos, gestores. Muito se faz para erguer algo, muito se trabalha, se conquista, com idealismo de tantos. Que as futuras gerações honrem o trabalho de seus predecessores. □

Com o trabalho de Guilherme Mannis na reestruturação artística do grupo, em pouco tempo, a orquestra começou a soar diferente, e todos puderam perceber que já ali algo de novo e especial parecia surgir.

Com o trabalho de Guilherme Mannis na reestruturação artística do grupo, em pouco tempo, a orquestra começou a soar diferente, e todos puderam perceber que já ali algo de novo e especial parecia surgir.





# Um Governador republicano

Anotações para uma história política de Marcelo Déda

*José de Oliveira Júnior*

A expressão “republicano” foi das que mais ouvi associada ao nome de Marcelo Déda, mesmo antes da proliferação dos adjetivos generosos que os velórios costumam provocar. E, de fato, Déda buscou ser republicano na condução do Governo, vendo, no respeito às instituições do Estado de direito, um requisito do aperfeiçoamento da democracia. É bem

verdade que o republicanismo dista nem sempre foi um atributo desejável: mesmo entre seus aliados próximos, houve quem o combatesse por “excessivo”, pois afastava algumas lideranças políticas, queixosas por não ver atendidos certos pleitos ou favores. De maneira elegante, Dom Henrique Soares, arcebispo auxiliar de Aracaju, disse com propriedade:

“

Meu soberano é povo de Sergipe: a ele presto homenagem e submissão política, nenhum poder é mais forte na terra do que o poder do povo, nenhuma democracia se constitui se não for fundada naquela regra máxima da constituição que estabelece sem rodeios que todo o poder, todo o poder, emana do povo e em seu nome terá que ser exercido. (Discurso de posse de Marcelo Déda, no Palácio Olímpio Campos, em 1º de janeiro de 2011).

*Nesta geração de políticos não conheci um homem com o espírito tão republicano quanto Marcelo Déda. Isso lhe gerava, inclusive, muitas incompreensões, pois esse estilo não é da cultura brasileira.* (Dom Henrique Soares, *Jornal da Cidade*, 10/12/2013).



Pedro Lopes, Oliveira Júnior, Carlos Cauê e Marcelo Déda observam a fachada do Palácio, ainda durante a reforma. Governador atento e detalhista, Déda acompanhou pessoalmente a execução das obras de restauro do Palácio Olímpio Campos.

Estabelecemos, aqui, a primeira definição da expressão: Déda era visto como republicano ao tratar de forma equilibrada prefeitos ou parlamentares, como aqueles que não eram da sua base aliada, abandonando a costumeira perseguição que os políticos, em especial no nordeste, associam à derrota eleitoral.

Rompendo a tradição da mesquinhez política, que exigia de quem estava no poder a perseguição aos que derrotara, Déda acabou por granjear respeito e a estabelecer um diálogo diferenciado, onde pleitos valiam pelos seus méritos próprios e podiam ser acatados mesmo se provenientes de um opositor. Em troca, os pleitos dos aliados também eram julgados pela mesma medida, e, portanto, deviam ser recusados quando confundiam as esferas do público e do privado.

De alguma forma, foi compreendido:

*O maior avalista para as mudanças que se avizinhavam para a história de Sergipe era sua [de Déda] própria história, sua trajetória, sua honestidade, sua dignidade, sua integridade ética e moral... Exercia o republicanismo em sua inteireza e não tinha vergonha de se ajoelhar, se preciso fosse, para que do gesto singular dos humildes emergisse a concórdia e nascesse a paz. Mesmo ajoelhado, mostrou-nos ele, um homem se torna grande e seus propósitos elevados.* (Elcinho Santana e Edson Júnior, comentário ao blog de Luis Nassif).

E isto é ser republicano? – perguntar-me-ão. Sim, respondo conforme creio, mas não só. O

governador sergipano tinha clareza dos seus atos, proveniente de reflexão aprofundada e credora das melhores fontes do pensamento político. Certamente, poderão objetar-me que este comportamento reflete apenas honestidade e franqueza, valores nobres e meritórios, mas que podem se restringir ao campo da ética pessoal, não se aplicando de forma automática à ação política.

Por isso, ocorre-me perguntar: que exemplos podemos buscar nas iniciativas de Marcelo Déda enquanto parlamentar, prefeito ou governador, que traduzam o que aqui chamo de postura republicana? Que ensinamentos podemos obter ao buscar uma melhor compreensão do qualificativo?



Povo assiste à inauguração do Palácio e apresentação da Orquestra Sinfônica de Sergipe. Após a inauguração do restauro, transformou-se Palácio Museu Olímpio Campos, com a finalidade de guardar a história da república de Sergipe, como ficou disposto Lei Estadual 6.874, de 11 de janeiro de 2010.

Que ensinamentos podemos obter ao buscar uma melhor compreensão do “republicanismo” como atributo de políticos?

Se, na história, a expressão “republicano” se construiu inicialmente em oposição à monarquia como regime, na modernidade, a expressão ganhou contornos mais amplos. E se diferencia, ainda que complementemente, do conceito de democracia, que, afinal, pode também existir num regime monárquico.

*Um socialista português diz que ser Republicano implica a interiorização de um conjunto de valores que estão adjacentes à ideia de República. A Liberdade, a Igualdade e a Fraternidade que advêm da bicentenária Revolução Francesa. O autogoverno, exercido por cidadãos para os cidadãos. Uma ética republicana e de serviço público para aqueles que são eleitos para o exercício de cargos públicos, extensível a todos os que têm uma relação laboral com o Estado, e que o devem fazer orientados apenas e só pelo interesse público, pelo respeito pela Res Publica, criando domínios estanques entre público e privado e respectivos interesses, agindo com frugalidade; significa também que se devem sentir honrados por poderem servir o seu país e os seus concidadãos, dando o melhor de si no exercício destes cargos; não os encarando como uma forma de enriquecimento, numa palavra dedicação.*

(CARDOSO, Frederico Bessa. “Ser Republicano”).

Vemos, aí, conceitos que a ação de Déda, como Governador ou prefeito, ilustra com propriedade, como vimos em outros depoimentos.

*Déda plantou corações em cada município sergipano, como prova de amor pelo povo... Quando esse povo o elegeu governador, no primeiro turno, em 2006, Déda rompeu com séculos de mandos e desmandos das oligarquias. Mas, republicano, governou com todos e para todos. Foi um homem agregador, moderador de conflitos e magnânimo, embora fosse muito bom de briga. Lutou o bom combate, lutou pelos mais humildes, engrandeceu o menor estado do Brasil e honrou, como poucos, as bandeiras históricas do PT.* (Lelê Teles).

Cardoso, já citado, associa o conceito de república a uma postura de civismo:

*[...] as virtudes Republicanas do civismo, da participação cidadã ou seja uma cidadania activa e interventiva, da sobreposição do interesse colectivo ao interesse individual são elementos essenciais da formação do pensamento Republicano. Mas também a transparência das instituições públicas, o carácter não permanente do exercício de cargos públicos assente no princípio da renovação dos mandatos, a aposta na instrução e na qualificação dos cidadãos.*



“Na minha cabeça e no meu coração era preciso vir a este Palácio, símbolo do poder republicano, símbolo do poder democrático, para nele concluir o processo que me trouxe ao Governo do Estado e me efetivou na liderança desse povo bravo, ordeiro, rebelde e transformador que é o povo de Sergipe. Naquele dia, daquela janela, eu assumi comigo mesmo o compromisso de que este Palácio voltaria a ser o que fora”, afirmou o governador, satisfeito por estar concretizando uma de suas principais metas de governo.

Acho útil destacar algumas iniciativas que ilustram, na minha opinião, sua visão peculiar do que aqui abarco no rótulo de “republicano”, que envolve o respeito ao Estado de direito e às suas instituições, de uma forma que se diferenciava do proselitismo de certos políticos, tão comum quanto falso, e que nele vinha embelezado pela oratória fácil, permitia-lhe transmitir com facilidade os fundamentos da sua reflexão política.

É o que acontece quando ele decide, ainda prefeito, fazer do sesquicentenário de Aracaju um grande momento de civismo, de reencontro entre o morador e sua capital, um belo momento de recuperação da autoestima do aracajuano.

Faz a entrega de obras físicas (habitações populares, Avenida São Paulo), junto com o Presidente da República, e anuncia outras tantas, mas os atos simbólicos perduram até hoje: criou uma medalha do sesquicentenário, emitida pela Casa da Moeda, dada a uma bem escolhida lista de homenageados, e plantou um bosque comemorativo no Parque da Sementeira, um ato singelo, mas

que lhe deu tão grande prazer que ele o escolheu como local para suas cinzas.

Os atos de entrega de comendas e homenagens, constantes na administração municipal, foram conduzidos por ele como ilustração dos seus princípios políticos: ao mesmo tempo que premiava ícones do mundo cultural da cidade, homenageava os velhos militantes de esquerda lutaram contra a ditadura militar ou que foram, de alguma forma, perseguidos por suas ideias políticas.

Mesmo eventualmente tendo como adversário o presidente da Câmara de Vereadores, exigia do seu cerimonial que distinguisse sempre a figura do chefe do poder legislativo, que figurava nas solenidades, logo após o prefeito, respeito que ele não esquecia de cobrar do cerimonial. Lembrava, para justificar seu cuidado, o seu período de parlamentar, sempre na oposição e as suas viagens às democracias amadurecidas europeia e americana, onde via com admiração o funcionamento do parlamentarismo. Dizia que, na câmara dos comuns, o tempo dos discursos era igualmente repartido entre situação e oposição.



Na “Casa de República” dos sergipanos, Déda sedia os eventos com os Governadores nordestinos e recebe a presidenta Dilma.



Comemorando os 150 anos de Aracaju, Déda planta a sua árvore no Bosque do Sesquicentenário.



Na Argentina, em 2007, Déda visita oficialmente a Província de Tucumán na Argentina: vai, com outros governadores do Nordeste, buscar mecanismos de cooperação entre governo subnacionais. Tira partido da sua experiência com a Frente Nacional de Prefeitos, e, depois, com o Fórum de Governadores do Nordeste, facilitando as tarefas diplomáticas.



Seu desempenho como orador e sua fácil compreensão da prática diplomática lhe permitiu assumir desafios maiores: foi aos Estados Unidos para atrair empreendedores, e acompanhou tanto o Presidente Lula como a Presidenta Dilma em missões no exterior, nos EUA e na Índia.

No lançamento do programa de combate à miséria, em fevereiro de 2013, Marcelo Déda anuncia valores caros a seu credo político e expressa à presidenta Dilma o seguinte discurso:

*O que a Senhora escreveu, na marca do seu governo, foi a compreensão, foi a ideia de que nenhuma nação se legitima na história, se despreza a liberdade e se ignora o valor da igualdade. Essa, que é a mais generosa ideia já produzida pelo gênero humano. O que a Senhora diz nesse slogan à nação brasileira é que nenhuma prosperidade é civilizatória se ignora milhões de patrícios, condenados à escravidão da fome, ou excluídos da vida na prisão da miséria. O que a Senhora quis dizer com esse slogan, Presidenta, é que não há como falar em progresso ou em desenvolvimento, quando uma pequena minoria de um país vive a pós-modernidade, usufrui dos avanços da tecnologia e opera nos mercados financeiros do mundo com um mero toque de dedo no teclado de computador enquanto bilhões de seres humanos vivem como órfãos da solidariedade. Os “sans-culottes” da pós-modernidade, vivendo como antes da Revolução Francesa, sem a liberdade que a fome tira, sem a igualdade que a miséria ofende e sem a fraternidade que lança na vala comum a dignidade do ser humano. Portanto, Presidenta, hoje é um dia histórico para a Nação Brasileira.*

Marcelo Déda tinha uma visão cosmopolita do mundo, sabia que a província não podia fechar-se em si própria e que cabia a ele, como governante, levar ao mundo a notícia da sua terra e reforçar os valores da sergipanidade que ele proclamava.

Um exemplo marcante, para mim, que demonstram seus cuidados republicanos: a devoção com que Déda se dedicava à recuperação do Palácio Olímpio Campos, primeiro – antes mesmo de transformá-lo em Museu – no campo do puramente simbólico, mostrando como aquele lugar foi importante para a história de Sergipe.

Faz questão de discursar da sacada do palácio em sua posse como Governador, contrariando as recomendações da segurança e do cerimonial, que temiam pelo mau estado de conservação do lugar e pela sucessão de eventos da posse (Assembleia Legislativa, Catedral, Palácio) no mesmo dia. Faz, da sacada, um discurso memorável e de indiscutível empatia com a multidão que o ovacionava.

Depois, cuidou do restauro do edifício. De início, impaciente com a lentidão da obra e a dificuldade burocrática dos contratos. Depois, apaixonou-se pelo rigor técnico do trabalho de restauro, e se envolveu pessoalmente nos detalhes. Reconstruído o cenário, aprofundou comigo a ideia de ter, lá, um museu da história da república de Sergipe.



Marcelo Déda ao lado de Lula.



Se emociona com a posse de Obama como chefe de Estado americano: "a chegada de um presidente negro à direção de um país que foi marcado brutalmente pela segregação e pelo racismo não deixa de trazer um ar de muita esperança para a humanidade".

Sob sua orientação, cuidei pessoalmente de cada passo da reforma, da criação do Museu e da inauguração. Foram de Marcelo Déda ideias como dedicar uma sala às mulheres que primeiro assumiram cargos públicos em Sergipe (eu tinha lhe mostrado como o mobiliário de um dos quartos tinha sido destinado às mulheres, com objetos de tocador e mobiliário mais delicado: ele quis dedicar o local à memória da participação política das mulheres na história de Sergipe, alertando-me para não esquecer a Senadora Maria do Carmo, adversária, mas primeira mulher sergipana a ocupar uma cadeira no Senado, assim como a Deputada Tânia Soares, primeira sergipana Deputada Federal sucedendo-o na casa, entre outras).

O Olímpio Campos foi o principal cenário da república de Sergipe. Lá, Déda recebeu o Presidente Lula, a Presidenta Dilma e os governadores de todos os estados do nordeste do Brasil. Lá, Déda quis ser velado e despedir-se do povo que o elegeu e que o amava.

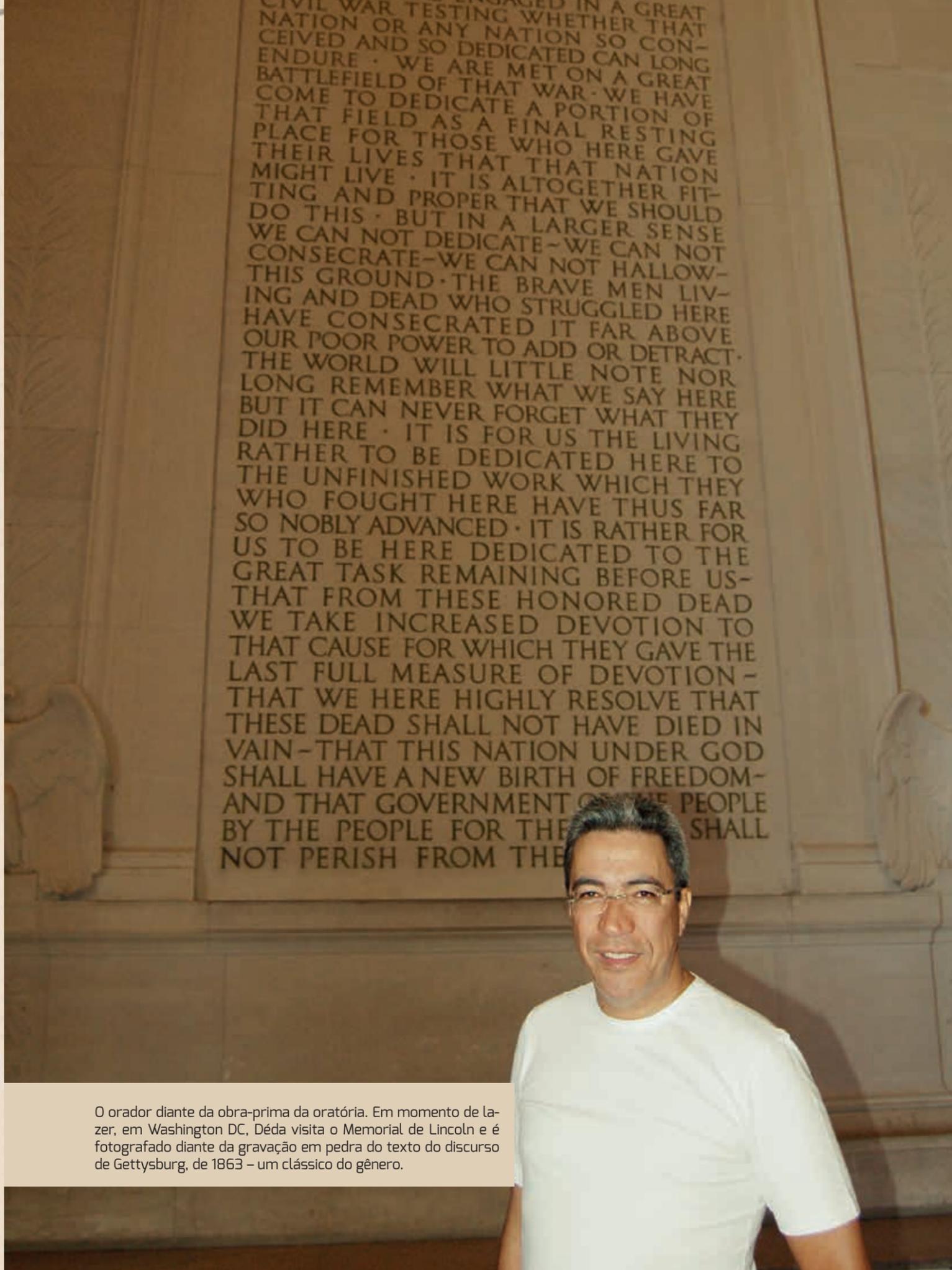


Rompendo a tradição da mesquinhez política, que exigia de quem estava no poder a perseguição aos que derrotara, Déda acabou por granjear respeito e a estabelecer um diálogo diferenciado, onde pleitos valiam pelos seus méritos próprios e podiam ser acatados mesmo se provenientes de um opositor.

O Palácio Olímpio Campos, a casa da república, que ele preferiu não habitar, foi transformada em um museu da história do seu povo. E, mais tarde, foi o leito que ele escolheu para acolhê-lo em sua despedida final. Nada mais apropriado para um republicano. **G**



Jackson Barreto, atual governador de Sergipe, e Marcelo Déda.



CIVIL WAR TESTING WHETHER THAT NATION OR ANY NATION SO CONCEIVED AND SO DEDICATED SO CON- ENDURE · WE ARE MET ON A GREAT BATTLEFIELD OF THAT WAR · WE HAVE COME TO DEDICATE A PORTION OF THAT FIELD AS A FINAL RESTING PLACE FOR THOSE WHO HERE GAVE THEIR LIVES · IT IS ALTOGETHER FITTING AND PROPER THAT WE SHOULD DO THIS · BUT IN A LARGER SENSE WE CAN NOT DEDICATE - WE CAN NOT CONSECRATE - WE CAN NOT HALLOW - THIS GROUND · THE BRAVE MEN LIVING AND DEAD WHO STRUGGLED HERE HAVE CONSECRATED IT FAR ABOVE OUR POOR POWER TO ADD OR DETRACT · THE WORLD WILL LITTLE NOTE NOR LONG REMEMBER WHAT WE SAY HERE BUT IT CAN NEVER FORGET WHAT THEY DID HERE · IT IS FOR US THE LIVING RATHER TO BE DEDICATED HERE TO THE UNFINISHED WORK WHICH THEY WHO FOUGHT HERE HAVE THUS FAR SO NOBLY ADVANCED · IT IS RATHER FOR US TO BE HERE DEDICATED TO THE GREAT TASK REMAINING BEFORE US - THAT FROM THESE HONORED DEAD WE TAKE INCREASED DEVOTION TO THAT CAUSE FOR WHICH THEY GAVE THE LAST FULL MEASURE OF DEVOTION - THAT WE HERE HIGHLY RESOLVE THAT THESE DEAD SHALL NOT HAVE DIED IN VAIN - THAT THIS NATION UNDER GOD SHALL HAVE A NEW BIRTH OF FREEDOM - AND THAT GOVERNMENT OF THE PEOPLE BY THE PEOPLE FOR THE PEOPLE SHALL NOT PERISH FROM THE

O orador diante da obra-prima da oratória. Em momento de lazer, em Washington DC, Déda visita o Memorial de Lincoln e é fotografado diante da gravação em pedra do texto do discurso de Gettysburg, de 1863 - um clássico do gênero.

# João Costa, O professor



Sagração Episcopal de Dom Luciano



*José Araújo Filho*

Conhecemo-nos nas salas de aula da saudosa FAFI, a querida Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, onde, no começo dos anos 60 do século passado, estudávamos Letras Neolatinas. Não fomos da mesma turma. Fizemos juntos uma e outra disciplina, não lembro quais. João era alguns semestres mais adiantado que eu, porque, embora tivesse iniciado na rua Apulcro Mota, no antigo prédio do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, interrompera o curso e só retornou já na rua Campos.

Diversos gostos, comuns nos reu-niam. O primeiro lugar, é óbvio, cabe à língua portuguesa, sua história, sua gramática, suas filigranas expressivas.

Sergipe lembra e lembrará João Costa como o cultor ímpar do idioma luso-brasileiro, no registro literário como no registro cotidiano. Quantas e quantas vezes João, Solange Montalvão, Carmelita Fontes, dentre outros, e eu nos detínhamos nos espaços da Universidade Federal de Sergipe a debater sobre aspectos do português, torneios sintáticos, detalhes filológicos...

Sua vasta experiência docente começara no Colégio Tobias Barreto. Daí, sendo construída, sucessivamente, na Escola Técnica de Comércio, no Colégio Pio X, no Salvador, no Patrocínio São José, no Instituto de Educação Ruy Barbosa, no Colégio Estadual de Sergipe (Atheneu Sergipense), Colégio Estadual Pres. Castelo Branco.

Na UFS, estava na primeira geração, entre os fundadores. Ele vinha naquele grupo de “heróis” da época pré-federalização do ensino superior, como integrante da Faculdade Católica de Filosofia. Então, diz-se que era a época da “miséria honrada”, tão pequena era a remuneração dos docentes.

Na aula, variava os recursos para inculcar nos alunos o conhecimento que os ajudaria, um dia, a serem melhores professores.

Era exigente, às vezes brincalhão, outras vezes irônico, porém sempre se desdobrava para que os discentes realmente aprendessem.

Conversar sobre João Costa com seus ex-alunos é ouvir sempre relatos de admiração e aversão. Muito mais admiração que aversão.

Diz-nos o prof. Rusel Barroso, hoje Diretor-Acadêmico da Faculdade Ages, em Paripiranga/BA, em crônica, no portal lagartonet.com: “Sua excelência intelectual, não raro, colava-se a seu jeito impulsivo e exigente, numa franqueza que lhe rendeu desencantos, mas, sobretudo, admiração”.

Quando a Universidade Federal de Sergipe e a Secretaria de Estado da Educação, na ocasião dirigida

“

Era exigente, às vezes brincalhão, outras vezes irônico, porém sempre se desdobrava para que os discentes realmente aprendessem.



por Luiz Antonio Barreto, criaram o Programa de Qualificação Docente – PQD, destinado a oferecer cursos de licenciatura, sobretudo, àqueles que exerciam o magistério nos municípios interioranos, eis o mestre João entre os primeiros e mais entusiasmados professores. Assim, víamos “Johnny” (Joãozinho, como gostava de ser carinhosamente chamado) a lecionar em Propriá, Nossa Senhora da Glória, Itabaiana, Estância e Lagarto, cidades-sede dos polos.

E por aí afora vai João espargindo seu saber, formando gerações, granjeando amigos. E, assim, foi gerado novos grupos de admiradores, que até hoje conservam na memória muitos “episódios” das aulas e das conversas de corredor.

Viajar com João era unir o trabalho, o lazer, a música, o aprender e, talvez, para a surpresa do leitor, a gula. Fazia questão de deslocar-se no próprio carro e de dar carona aos colegas e alunos.

Entretínhamos conversas de assunto vário, que variado era seu campo de interesse: arte, música, línguas, filologia (grande elo entre nós dois), fatos do dia-a-dia, a UFS, a docência.

Seletivo quanto à música, fazia-nos ouvir os eruditos. Bach, Beethoven, Haendel, Vivaldi, Mozart, Verdi, Dvorák eram seus preferidos. Os compositores populares compareciam raras vezes no toca-CD do seu carro. A cada música, um momento de erudição.

Havia também uma “sessão de piadas”, outro instante em que o ator se revelava. Ia das

mais inocentes até as fesceninas, como dizia.

Lembram-me, particularmente, as viagens a Nossa Senhora da Glória, onde lecionamos juntos três semestres. Logo na saída de Aracaju, no Siqueira Campos, mingau. Entre Siriri e Nossa Senhora das Dores, o povoado Sabinópolis nos aguardava com uma jaca, que devíamos consumir toda. Chegados ao destino, no Hotel Glória, finalmente o café da manhã à moda nordestina. E haja cuscuz, inhame, macaxeira, carne frita, assada, fígado, sarapatel, ovos! Todos, obrigatoriamente, participávamos.

Sua segunda língua foi o francês, para cuja docência obteve a

“

Sua excelência intelectual, não raro, colava-se a seu jeito impulsivo e exigente, numa franqueza que lhe rendeu desencantos, mas, sobretudo, admiração.

licenciatura na FAFI; começou a ensiná-la no Instituto de Educação Ruy Barbosa. Aluno exemplar da Alliance Française, então conduzida, em Aracaju, pela simpática Madame Monique Rolland, foi distinguido, em 1959, com uma bolsa de estudos na França. A estada na terra de Victor Hugo, Lamartine e tantos luminares da cultura europeia, proporcionou ao professor sergipano a ampliação de seu horizonte intelectual, uma das marcas de sua personalidade.

João era um ator. Ouvir dele uma narração de qualquer fato era presenciar uma pequena encenação teatral. Ele representava sempre. E exigia toda a atenção dos circunstantes. Era comum ouvi-lo dizer, quando alguém estava desatento a qualquer fala sua, “atenção, isso cai na prova”.

Sua voz, forte, bem-postada, dava um tom especial ao que dizia na aula, na reunião acadêmica, na conversa desprentensiosa. Era cativante escutá-lo.

Mas João Costa, homem de formação eclética, não caberia nos limites de uma sala de aula. O teatro, a música, a declamação incluíam-se entre seus interesses. Interpretar a Tabacaria, de Fernando Pessoa, era uma maneira de nos brindar.

No teatro, foi autor, diretor e ator. De sua lavra são conhecidas as peças “Três de dez de mil novecentos e tanto”, “Um milhão” (apoiada em conto do francês Guy de Maupassant), “A dança de ouro”, “Recital sem opus” e a inédita “A missa”.

“Recital sem opus” trouxe glórias para a arte cênica sergipana

nos três prêmios que conquistou: no Festival Norte-Nordeste de Teatro, na Paraíba, foi escolhido como o melhor espetáculo, além de ter tido a melhor direção; no Festival Nacional de Teatro, no Rio de Janeiro, outra vez o prêmio de melhor direção.

A cegueira dos censores durante a ditadura militar não permitiu a encenação de “A missa”. Nas palavras do próprio João Costa em entrevista ao Jornalista Osmário, só restava “uma cópia devolvida pela censura federal, toda cortada de caneta Bic azul. Uma pena! Uma selvageria tal, que amortece o ânimo de qualquer pessoa que escreva. Ainda havia um recado (carta da censura)”.

Essa violência deteve a criação de outras peças. João Costa entristeceu-se, desmotivou-se.

O menino nascido em 12 de maio de 1931, em Cedro de São João, filho dos pernambucanos

José Costa Pau d’Alho e Josepha Ferreira Costa, cedo acompanhou os pais na mudança para Ribeirópolis, onde a prof<sup>a</sup>. Valdice Carvalho Santos lhe ensinou as primeiras letras e formou o indispensável alicerce do seu incontestável saber linguístico. “Tudo isso porque a gramática de uma língua não é assim mutável durante uma vida e, como se sabe, a língua é dos elementos constituintes da vida social o mais reacionário. Portanto, o que aprendi em criança ainda é novo” (entrevista ao Jornal da Cidade).

Em 1947, chega a Aracaju, para concluir os estudos primários no Colégio Jackson de Figueiredo. No Atheneu Sergipense, iniciou o ginásio, que iria concluir no Colégio Tobias Barreto, como aluno interno.

Casou-se com Maria Oliveira Costa, com quem teve três filhos: João Carlos, Fernando e Rodolfo.

Uma das suas maiores contribuições à cultura sergipana cristalizou-se na direção da Sociedade de Cultura Artística de Sergipe, através da qual, anos a fio, nós, aracajuanos, pudemos assistir a famosos espetáculos de balé, ouvir orquestras de renome. E o que dizer dos festivais de cinema francês, russo, italiano etc, quando pudemos ver nas telas do antigo Cine Vitória, na rua de Itabaianinha, películas como o superclássico russo “Encouraçado Potemkin”, presente em todas as listas dos melhores de toda a história do cinema?

Entre as incontáveis homenagens a João, a Associação dos Docentes da UFS instalou a Sala de Leitura Prof. João Costa, espaço que proporciona aos associados do sindicato diversas obras de literatura e trabalhos acadêmicos de matizes diversos. Não haveria forma melhor do que essa, de reconhecer a sua contribuição para formar tantos sergipanos. O gosto e o hábito pela leitura, herdada dos pais, como gostava de lembrar.

Citando ainda Rusel Barroso, “Muitos profissionais simplesmente passam. Outros, da estirpe de João Costa, deveras iluminados, acompanham-nos no pensamento, com lições de vida que certos bens não podem pagar”.

João faleceu na manhã do domingo 30 de janeiro de 2011, de um câncer pertinaz que conseguiu domar o indômito professor. Sergipe perdeu uma das personagens mais importantes do ensino, a família perdeu seu líder, eu perdi um amigo. 



Muitos profissionais simplesmente passam. Outros, da estirpe de João Costa, deveras iluminados, acompanham-nos no pensamento, com lições de vida que certos bens não podem pagar.

Jubileu de Ouro da Vida Sacerdotal de Dom Luciano - Museu de Arte Sacra de Laranjeiras



JUC - Santo Amaro das Brotas



JUC - Encontro de Natal

# Linguagem Jurídica e Metalinguagem

José Lima Santana

É importante que se tenha a exata compreensão da linguagem na vida dos seres humanos, na vida em sociedade. A linguagem tem largo alcance. Nesse sentido, afiança Ronald W. Langacker:

*A linguagem está em toda a parte. Impregna nossos pensamentos, é intermediária em nossas relações com os outros, e se insinua até em nossos sonhos. O volume esmagador de conhecimentos humanos é guardado e transmitido pela linguagem. A linguagem é, de tal modo, onipresente que a aceitamos e sabemos que sem ela a sociedade, tal como a conhecemos, seria impossível* (apud MESQUITA, 1997, p. 15).

Discorrendo sobre linguagem, homem e cultura, Nelly Novaes Coelho cita Jean Piaget, que, por sua vez, preleciona:

*A linguagem é uma instituição coletiva, cujas regras se impõem aos indivíduos; que se transmite de maneira coercitiva de geração em geração, desde que existam homens; e cujas formas particulares (ou línguas) atuais derivam, sem descontinuidade, de formas anteriores que provêm, elas próprias, de formas mais primitivas e assim sucessivamente, sem hiato, desde*

*uma origem única ou uma poligenia inicial* (Apud COELHO, 1986, p. 24).

Acredita-se que os seres humanos fazem uso da linguagem (ao menos da linguagem falada) desde os primórdios do *homo sapiens*, cujo surgimento é estimado entre 120-60 mil anos a. C. E a linguagem, sob a ótica tradicional, é vista como um “sistema de sinais empregados pelo homem para exprimir e transmitir suas ideias e pensamentos”, como assevera Maria José Constantino Petri (2009, p.1).

Diz Miguel Reale que cada “ciência exprime-se numa linguagem”. Assim, “dizer que há uma Ciência Física é dizer que existe um vocabulário da Física”. E ele diz mais: “onde quer que exista uma ciência, existe uma linguagem correspondente”. Ou seja, *cada cientista tem a sua maneira própria de expressar-se, e isto também acontece com a Ciência do Direito. Os juristas falam numa linguagem própria e devem ter orgulho de sua linguagem multimilenar, dignidade que bem poucas ciências podem invocar* (2002, p. 7-8).

Ilustrações: Felipe Ferreira



Logo, como qualquer outra ciência, a Ciência Jurídica exprime-se numa linguagem técnica. Vale dizer: numa linguagem técnico-jurídica. De tal forma, a Ciência Jurídica encontra na linguagem sua possibilidade de existir, tendo por conta o seguinte, em suma, a partir da pertinente compreensão de Maria Helena Diniz:

- a) não poderia produzir seu objeto numa dimensão exterior à linguagem;
- b) onde não há rigor linguístico não há ciência, pois esta requer rigorosa linguagem científica;
- c) deve construir seu objeto sobre dados que são expressos pela própria linguagem, ou seja, a linguagem da ciência jurídica fala sobre algo que já é linguagem anteriormente a esta fala;
- d) o elemento linguístico apresenta-se como instrumento de interpretação, pois, sendo a linguagem do legislador subjetiva e variável, o jurista deverá, na interpretação literal, atingir o sentido específico e objetivo da palavra, buscando verificar o sentido da lei;
- e) se a linguagem do legislador for incompleta, o

jurista deverá indicar os meios para completá-la, mediante o estudo dos mecanismos de integração;

f) o elemento linguístico pode ser considerado como instrumento de construção científica, uma vez que a linguagem do legislador não é ordenada, o jurista deve reduzi-la a um sistema; a atividade sistemática ou construção de um determinado sistema jurídico é uma das principais tarefas do jurista (2008, p. 170).

Como sustenta Diniz, citando Juan-Ramon Cappella, o Direito, por condição de existência, deve ser “formulável numa linguagem, ante o postulado da alteridade [alter = outro]”. Isto é, o Direito “elaborado pelo órgão competente é fator de controle social, prescreve condutas obrigadas, permitidas e proibidas, formulando a linguagem em que a norma se objetiva (2008, p. 171).

Vê-se, assim, que a linguagem legal, como diz, ainda, Diniz, é a linguagem utilizada pelo direito, ou seja, pelos órgãos que têm poder normativo, ou melhor, é a linguagem das leis, entendendo estas no sentido amplo de normas jurídicas (2008, p. 171).

As normas são proposições *prescritivas* (normativas), pois prescrevem esta ou aquela “conduta-padrão” a ser seguida na vida social. Já as *sobreproposições*, próprias da ciência jurídica, quer dizer dos juristas, dos que *pensam o Direito*, são *descritivas* (teoréticas). Elas descrevem as proposições *prescritivas*.

Sabemos que a norma (proposição prescritiva) é feita pelos legisladores ou, na forma da lei, por quem poderá fazê-lo, excepcionalmente (chefe do Poder Executivo, por exemplo, quando edita medida provisória etc.). Os juristas, ou seja, os pensadores do Direito não produzem normas, mas podem *influir na evolução do direito, pois nada obsta que através dos órgãos criadores e aplicadores do direito positivo, ou da elaboração de direito novo, as teses científicas passem do descritivo para o prescritivo* (DINIZ, 2008, p. 183).

Por sua vez, a metalinguagem nada mais é do que usar um tipo de linguagem para falar dela própria. Ela incide em textos cujo foco é o próprio código empregado, ou seja, o conjunto de signos utilizado para transmissão e recepção da mensagem, como é o caso, dentre outros, da linguagem jurídica.

Em seu labor científico, o jurista “expõe suas conclusões numa sequência de enunciados, isto é, de proposições descritivas, que forma o contexto científico”. A linguagem do jurista apresenta dois níveis: o da particularidade do texto, que é peculiar a cada jurista, considerando certas circunstâncias; e o da sistematicidade, que condiciona o discurso (texto), “tendo em vista a pretensão de verdade situada no âmbito das proposições descritivas” (DINIZ, 2008, p. 187-188).

A abordagem que se deve fazer de um texto científico, a partir do uso da metalinguagem “é fazer da linguagem do texto uma linguagem-objeto”, como conclui acertadamente a autora (2008, p. 188). Mas não se pode perder de vista o alcance sistêmico do uso da linguagem técnico-jurídica. E isto significa dizer que é imprescindível ao intérprete e aplicador do Direito servir-se não apenas de instrumentos linguísticos e lógicos, mas também buscando a sua compreensão.

E isto requer paciência, perspicácia, entusiasmo, racionalidade etc.

Contudo, é preciso atentar para esta outra lição da mestra largamente citada:

*Para que uma metalinguagem possa servir de instrumento para o método da compreensão do texto científico, tornando-o um auxiliar imprescindível para a leitura eficiente dos textos científico-jurídicos, deverá: a) apresentar uma definição clara de todos os termos utilizados; b) manter-se dentro dos limites da simplicidade e economia, no que se refere aos termos e à estrutura contextual; c) não mostrar contradições; d) ser consequente e metódica* (DINIZ, 2008, p. 188).

Portanto, não será custoso nem desconexo ao tema ora abordado lembrar o que diz Willis Santiago Guerra Filho, ao referir-se ao magistrado, enquanto intérprete e aplicador das normas do ordenamento jurídico:

*O juiz não há de se limitar a ser apenas, como disse Montesquieu, la bouche de la loi, mas sim la bouche du droit, isto é, a boca não só da lei, mas do próprio Direito. Sobre esse ponto, aliás, explicitou a jurisprudência alemã, que a Lei Fundamental, quando estabelece, em seu art. 97, que o juiz está vinculado apenas à lei, essa vinculação deve ser entendida como ao Direito (cf. Hesse, 1984, p. 210, nota 54) (1997, p. 37).*

A teoria da linguagem jurídica precisa abrir-se para uma visão moderna, que corte as amarras do conservadorismo advindo do século XIX, mas conservando a essência da linguagem técnico-jurídica no que ela tem de melhor e que deve, assim, ser preservada. A propósito, afirma Tércio Sampaio Ferraz Júnior:

*Os autores jurídicos, em sua maioria, têm uma visão conservadora da teoria da língua, sustentando, em geral, no que se refere aos objetos jurídicos, a possibilidade de definições reais, isto é, a ideia de que a definição de um termo deve refletir, por palavras, à coisa referida (2007, p. 35).*

A linguagem jurídica é uma linguagem prática. Ela deve estar a serviço do Direito, como a linguagem de qualquer outra ciência deverá estar a serviço da mesma, para as formulações que lhe são inerentes e indispensáveis. ■



# As imagens que nos enredam

Pedro Varoni

“O espetáculo não coincide simplesmente com a esfera das imagens ou com que chamamos hoje mídia: ele é uma relação social entre pessoas, mediada através das imagens, a expropriação e a alienação da própria sociabilidade humana”. – Giorgio Agambem

Repito a cena mais comum da vida social cotidiana. Enquanto espero a chegada do lanche na padaria, o smartphone rouba-me a atenção do mundo à volta. Checo as redes sociais, olho os e-mails e, finalmente, ancoo nas fotografias registradas na memória do aparelho: fotos de familiares em visita recente. Lá fora, a brisa do Nordeste sopra lembrando Manuel Bandeira. Aqui estou, recém-chegado em Aracaju, aprendendo novos saberes e sabores e deixando atrás outros mundos. Onde quer que andemos haverá sempre uma saudade, ouvi dia desses pela boca de um jovem sábio.

A solidão me cai bem, sempre povoada por signos que atravessam nossa história pessoal e afloram ao sabor da brisa. Pela rede social recebo uma canção de Toquinho e Vinicius. Da música migro para a foto de minha filha na beira da praia. Estar só é deixar

a vida interior aflorar. As memórias se misturam: o poema de Bandeira sobre a brisa do nordeste, as fotos dos familiares, a canção sobre amor, de Vinicius e Toquinho: “por céus e mares eu andei/ vi o poeta e vi o rei/ na esperança de saber o que é o amor...”. Em tempos recentes as coisas não eram assim, um passo adiante e estou em pleno exercício de pensar o nosso próprio tempo. Paul Veyne, num livro em que propõe uma interpretação do pensamento de Michel Foucault, demonstra como estamos condenados a viver numa espécie de aquário que determina a cada época nosso jeito de ser e pensar. A grande contribuição da história, seja pessoal ou social, é lembrar--nos de outras possibilidades de existir. Não se trata de um saudosismo ingênuo sobre os bons tempos passados. Haverá sempre uma perda chamada saudade, haverá sempre uma descoberta a cada manhã.

Ilustrações: Felipe Ferreira



Esse caminho conduz ao centro dessa pequena reflexão: o smartphone como o dispositivo que nos tira do aqui e agora, com suas chamadas, suas demandas, suas imagens. O aquário contemporâneo é recheado de expressões inexistentes há poucos anos: WhatsApp, Facebook, LinkedIn. As epifanias registradas em imagens digitais que, quando acionadas, revelam senhas para cheiros, atmosferas, palavras. A existência da experiência está condicionada ao registro imagético. Um texto clássico da sociologia marxista dos anos 1960, “A sociedade do Espetáculo”, de Guy Debord, já anunciava a espetacularização do cotidiano como uma estratégia do capitalismo para anular a vida interior. Esse aspecto guarda, no meu entendimento, uma relação com a inflação de imagens no cotidiano. O fim de semana, as noites, tudo é registrado em imagens que buscam a narrativa de uma vida espetacular.

É preciso, entretanto, deslocar as certezas. Busco um lugar intermediário. Nem a adesão cega às tecnologias como elemento de libertação da humanidade, nem a demonização dos hábitos cotidianos. A solidão que nos cai bem é aquela que permite afinar a vida interior às demandas sociais: pensar o próprio fazer, o próprio desejo, o próprio afeto, tentar se conduzir ao invés de ser conduzido pelos hábitos, as pressões, a ordem dos discursos de nosso tempo, mas também se adequar a eles, entrar de alguma

forma no ritmo, viver a intensidade do tempo histórico atual com suas vantagens e contradições. Através da foto de minha filha no smartphone, vejo meu olhar paterno, relembro a manhã de domingo na praia, a passagem do tempo que faz de nossas crianças, adultos. É esse sentimento não como um privilégio

A grande contribuição da história, seja pessoal ou social, é lembrar-nos de outras possibilidades de existir. Não se trata de um saudosismo ingênuo sobre os bons tempos passados. Haverá sempre uma perda chamada saudade, haverá sempre uma descoberta a cada manhã.

a que alguns têm acesso, mas como uma dimensão poética da existência que pode encontrar nos novos dispositivos tecnológicos possibilidades de ampliação das experiências. A tecnologia como extensão do humano.

A inflação de imagens redundada em perdas. As fotos de ontem são substituídas pelas de hoje, esquecidas, apagadas. Relembro

os álbuns fotográficos da casa paterna. O casamento de meus pais, os avós, os antigos. Quase sempre elegantes, aprontados para a pose. Mesmo as menores cidades tinham o seu retratista, aquele que registrava os momentos festivos e ainda era capaz de aplicar os pequenos retoques nas imperfeições, dando à maioria o ar distinto que observamos nas imagens dos antigos. Outra sensação mágica. As imagens ganhando forma no laboratório fotográfico na faculdade de jornalismo. Hoje, as fotos não são mais reveladas e perderam o seu valor de raridade.

Mas como a possibilidade de registro das imagens se democratizou! Somos todos fotógrafos. As borboletas amarelas no mangue, o arco-íris ao fundo, no engarrafamento do final de tarde merecem o registro. Mesmo o antigo acervo hoje é digitalizado. Há alguns anos, moradores de minha terra natal organizaram uma comunidade na rede social para a postagem de fotos dos acervos familiares: os antigos carnavais, cenas do cotidiano que mostram um pouco como as pessoas se vestiam, os olhares de antigas damas, uma riqueza de signos que materializam os afetos. Nós, os

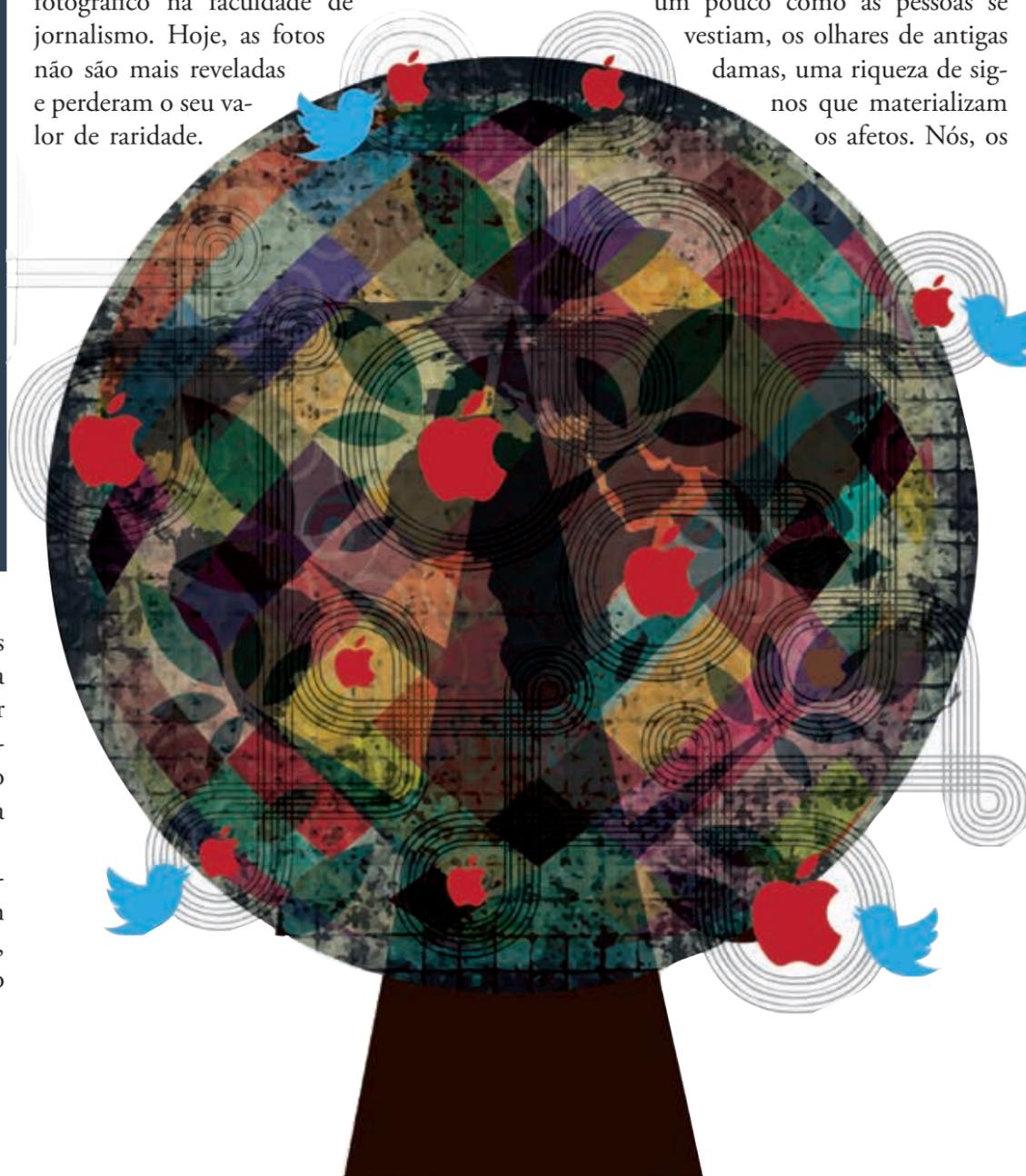
filhos ausentes, interagimos com esse imaginário, construímos nas redes da cultura digital outros laços com nossa própria memória.

Um dos temas da reflexão poética de Roland Barthes é a relação entre as palavras e as imagens. O semiólogo francês procura demonstrar como precisamos do verbo para conduzir o sentido caótico das fotografias. Legendas e comentários tentam desvendar a magia do instante congelado no registro imagético, essa parece ser a base hoje do Instagram. Barthes procurava nas fotografias o *punctum*, o elemento na composição que atrai nossa atenção ou desejo, aquilo que nos fisga. Num mundo em que todos são fotógrafos, predomina a pose estereotipada dos sorrisos congelados mostrando como somos felizes na nossa privacidade espetacular. Ainda assim, em meio a inflação de imagens, irrompe cenas poéticas do cotidiano, olhares que captam as contradições do real, máscaras que caem em meio as poses. Cada vez mais nos tornamos leitores de imagens, ali onde a palavra é insuficiente para expressar a coisa, descobrimos uma nova gramática.

Apesar do fenômeno ser contemporâneo, de estarmos sempre com o smartphone a postos para registrar isso e aquilo, há uma relação histórica com os domínios imagéticos, uma iconicidade que vem dos registros de nossos antepassados nas cavernas, passando pela história da pintura. Uma cultura das imagens nos

constitui. Foucault, num célebre ensaio sobre um quadro de Velázquez, demonstra como o artista desconstruiu a representação ao colocar a imagem de um pintor registrando os nobres. O foco se deslocava para o ambiente em que se dava a pose. Essa mutação da ordem do olhar é o movimento da história.

A linguagem do inconsciente revelada nos sonhos é conduzida pelas imagens. A tradição do haikai japonês busca traduzir em três pequenos versos o impacto de uma imagem, como a descrição impessoal do cotidiano. O haikai é um exercício zen e, como tal, busca anular a presença da subjetividade revelando o instante congelado num mundo em constante transformação. O nosso tempo forja sua própria linguagem, em que as fotografias continuam a revelar aquilo que somos e sentimos e, no embate com a linguagem – seja imagética ou verbal –, buscamos o sentido da experiência de viver. Os dispositivos tecnológicos, com sua fluidez de textos e imagens, podem ser aliados na difusão de uma potência poética que é tanto ação concreta quanto paixão virtual, algo que nos livre dos modelos de subjetividade estereotipadas. Aqueles que hoje têm acesso a tais dispositivos produzem sua própria narração, não são mais os consumidores passivos de imagens da mídia ou do cinema. Uma imagem vale mais que mil palavras e mil imagens buscam a palavra que lhes dê sentido.





# AUDIOVISUAL SERGIPANO: um cenário em ebulição

*Acácia Rios*

**S**e fazer cinema no Brasil já é complicado, em Sergipe ou em qualquer outro estado fora do eixo Rio-São Paulo, essa tarefa pode ser ainda pior. Isso por várias razões: as leis federais (Rouanet, do Audiovisual), por exemplo, sempre favoreceram os circuitos do sudeste, pois lá se concentram as empresas investidoras mais interessadas e com mais cacife para injetar grana e depois deduzir do imposto de renda. Aqui, faltam incentivos, tanto do Estado quanto do município.

Em alguns lugares, as leis municipais de incentivo à cultura até deslancharam (como em Fortaleza ou Recife), mas não foi o caso de Aracaju, onde a Lei 1.719, de 18 de julho de 1991, criada pelo então vereador Edvaldo Nogueira, veio à luz uma única vez. Em 2006, cinco filmes foram premiados com 15 mil reais. Depois disso, nunca mais saiu da gaveta.

Em tese, a aplicação dessa lei permite aumentar a quantidade e a qualidade das produções artísticas locais. “Reduz as relações clientelistas, proporciona a abertura do mercado de trabalho para artistas e produtores culturais nas diversas áreas de atuação, amplia o acesso da população aos eventos artísticos e culturais, contribuindo para a formação de público”, segundo pesquisa realizada pelo SESI.

Tudo isso é verdade, mas a sua interrupção estagnou outra vez a produção na capital até a entrada em cena de outro ator institucional, a

Secretaria de Cultura do Estado de Sergipe (Secult), por meio do Edital de Apoio às Produções Audiovisuais Digitais de Curtas-Metragens. Mas esse incentivo, de R\$ 22 mil líquidos para cada filme, só ocorreu em 2010. Cinco anos antes, no entanto, com “Candelária, aquela que conduz a luz”, Jade Moraes foi premiada pelo edital DOC TV (do Governo Federal) com um prêmio de R\$ 100 mil e teve seu documentário exibido em cadeia nacional pela TVE.

Foi, sem dúvida, uma injeção de ânimo para a turma que estava querendo trilhar esse caminho. Mas o certo é que Aracaju precisa de mais fomento para dar conta das demandas e expectativas dos realizadores que estão no cenário atual. Eles são versáteis, multifacetados, inquietos e se preocupam com o campo profissional num futuro bem próximo. E a diversidade de curtas de ficção e documentário contemplados, nos últimos três anos, pelos editais e premiados em festivais no Brasil e no exterior refletem isso.



Frame do filme *Madona*  
Foto: divulgação

### Núcleo de produção digital Orlando Vieira e UFS: divisores

Resultado de um programa nacional entre o MinC e as prefeituras locais, o Núcleo de Produção Digital Orlando Vieira (NPDOV) e o curso de Audiovisual da UFS foram, sem dúvida, os principais dinamizadores da nova cena sergipana. Por meio de oficinas, cursos, workshops e palestras, o núcleo tem sido responsável pela formação técnica, em todas as áreas do cinema, de praticamente todas as pessoas que estão se destacando no cenário atual, desde o roteiro à edição. E, o que é melhor, os cursos são gratuitos.

Já a UFS “forma profissionais mais completos no sentido de que, para além da técnica, é o espaço onde se dá uma perspectiva teórica e histórica”, acrescenta Ruy Vasconcelos, professor do Departamento de Comunicação Social. A antiga habilitação em Rádio e TV, que, em 2009, passou a se chamar Audiovisual (e este ano mudou para Cinema e Audiovisual), formou a sua primeira turma no ano passado. “A tendência é que daqui a quatro anos, como muito, tenhamos muito mais produções audiovisuais. É esse o tempo para se sentir o impacto desses novos profissionais no mercado”, prevê.

“A exigência para que os alunos concluam o curso é a produção de um filme. Com mais alunos formados e mais filmes, a mostra

de cinema universitário da instituição (a In-Comunicações) será uma referência para os que estão começando”, avalia. Ruy também lembra que alguns filmes de sucesso passaram pelo circuito universitário, como “A hora da estrela” (1985), de Suzana Amaral.

Além da mostra In-comunicações, como espaço de exibição de trabalhos de alunos de Audiovisual, Publicidade e Jornalismo, o Departamento de Comunicação Social também realiza, desde 2010, o Cine Mais UFS, que exhibe semanalmente não só a produção do cinema nacional, como também sergipano e universitário. Coordenado pela professora Ana Ângela Farias Gomes, o cineclube recebe especialistas e realizadores para guiar o debate antes e ao final da exibição.

Para Jade Moraes, coordenadora de produção do NPDOV e egressa do antigo curso de Rádio e TV da UFS, sozinhos, nenhum dos dois seriam suficientes. “Os dois juntos é que têm contribuído para esse cenário efervescente. O público do Núcleo não é só de estudantes da UFS; tem profissionais de outras áreas como médicos, advogados e biólogos, por exemplo, interessados em fazer cinema. Por isso os dois são importantes”, opina.

“A tendência é que daqui a quatro anos, como muito, tenhamos muito mais produções audiovisuais. É esse o tempo para se sentir o impacto desses novos profissionais no mercado.”



Frame do filme *Derredor*  
Foto: divulgação

## Largaram tudo e foram fazer cinema

Foi o caso de André Aragão, por exemplo, um advogado atuante que, depois de fazer um curso no núcleo, decidiu devolver a sua carteira à OAB para tentar viver de cinema. Estudou lá em 2010 e, já no ano seguinte, montou a produtora Gonara Filmes. Estreou com “Xandrilá” (2011), mas foi com “Derredor” (2012), que veio o reconhecimento. Com mais de dez prêmios e projeção em vários países,



Bastidores do filme *Hotel Palace* Foto: divulgação

este filme narra a história de Pedro, um menino de 11 anos que perde o pai e encontra na figura de um pistoleiro a fuga para a sua dor.

Se os primeiros trabalhos foram independentes (“Derredor” custou apenas R\$ 200), nos seguintes ele encontrou o caminho das pedras: “Hotel Palace” (2013) e “Madona” (que ainda vai estreiar neste ano de 2014), foram contemplados pelo edital da Secult.

Marcolino Joe, estudante de Audiovisual da UFS, é outro exemplo. Estudou Turismo e trabalhou em hotéis da capital antes de começar o curso na universidade. Mas abandonou a hotelaria para começar a contar histórias. Soube conciliar as aulas teóricas com a formação prática do núcleo e, desde então, não parou mais. Ajudou a dinamizar a cena sergipana ministrando oficinas na capital e no interior, e foi um dos criadores do Festival de Micrometragem Tr3s Minutos.

Além disso, também participou do Azedume, coletivo autogestionado de produção que ganhou

o primeiro edital da Secult, com o curta “Tudo vai ficar bem” (2011), dirigido por Cleilton Lobo. Este filme conta a história de Pedro, que fica deprimido após a morte de seu companheiro e decide voltar para a casa dos pais para tentar superar a perda.

Para Marcolino, que agora tem a sua própria produtora (Café com Guaraná), o audiovisual sergipano é promissor. “Há muitas brechas que precisam ser ocupadas, mas é preciso saber onde elas estão”, conta ele que, paralelamente aos projetos pessoais, encontrou no mercado um filão ao produzir filmes publicitários de curtas-metragens para a web e dispositivos móveis com linguagem cinematográfica.

Luciana Oliveira, também estudante de audiovisual da UFS e estagiária da EMSURB, acredita na formação de um mercado. “Mas para que isso aconteça, é preciso que a nossa classe se una e possamos cobrar mais incentivos do poder público. Os editais não devem ser só para produção, mas também para distribuição do que realizamos”, defende.

Para que exista, minimamente, o que se pode chamar de núcleo de produção (é demasiado falar em indústria em nosso contexto), é preciso que haja também a distribuição e a exibição. A criação do Curta-Se (Festival Iberoamericano de Cinema de Sergipe, criado em 2000 e mantido pela Casa Curta-Se), Três Minutos (Festival Sergipano de Micrometragem, criado em

2010), Sercine (Festival Sergipe de Audiovisual, criado em 2011), somados à revitalização do Cine Vitória, à sala do Museu da Gente, ao Cine Mais UFS e também a espaços alternativos como o Intera – Arte & Economia Criativa, são grandes avanços no que dizem respeito à premiação e à exibição em Aracaju.

## Curtas: um caminho para o longa?

Se, de um lado, o curta-metragem representa o primeiro passo e serve de estímulo para incrementar as produções locais, por outro, aponta para o fato de que é preciso trilhar outro caminho para que haja um longa. “Começar com o curta já é bastante estimulador, apaixonante e move muitas pessoas que querem enveredar pela atividade”, acredita Rosângela Rocha, diretora do NPDOV.

André Aragão e Marcolino Joe concordam. “Estamos em estado de ebulição. Eu particularmente não acredito que a gente deva esperar só pelo Estado. O primeiro longa vai depender exclusivamente das de-

mandas dos realizadores”, aposta Marcolino.

Apesar de algumas iniciativas, Sergipe ainda não tem um longa que possa chamar de seu, segundo André. “Para ser considerado sergipano, tudo deve ser feito aqui, desde a criação, locações, atores até a montagem. O que não quer dizer que não possa haver um ou outro profissional de fora, mas tem que ser essencialmente daqui”, defende.

Para Rosângela Rocha, o longa é uma questão de tempo. Mas também lembra que é uma tarefa difícil que exige uma boa equipe técnica, verba maior e experiência. Até lá, o curta é uma boa escola. “Mas não basta fazer por fazer. Tem que ter sensibilidade e conhecimento. Saber contar histórias através da imagem e sons em movi-

“Começar com o curta já é bastante estimulador, apaixonante e move muitas pessoas que querem enveredar pela atividade.”

Frame do filme *Caixa D'água: Quilombo é esse?* Foto: divulgação



mento não é pra qualquer um, em qualquer momento. Tem que ter uma base: ler, ver, intercambiar, respirar e fazer muito audiovisual”, reflete.

A cena atual do audiovisual sergipano está em efervescência. A presença de documentários como “Caixa D’água: Quilombo é esse” (2012), de Everlane Moraes, que ganhou o incentivo de 22 mil da Secult e participa de diversos festivais do Brasil, é uma mostra disso. Os primeiros passos já foram dados. Como afirma Jade, apesar de essa ser uma profissão que não gera empregos formais, a tendência é crescer cada vez mais devido ao acesso a equipamentos mais baratos, à gratuidade dos cursos de formação e à criação de pequenas produtoras. Para quem não, necessariamente, quer enveredar pelo cinema, uma saída é produzir esquetes ou séries para TV. Mas essa é outra história. **G**



Frame do filme *Madona*  
Foto: divulgação

Frame do filme *Hotel Palace*  
Foto: divulgação



## Produções recentemente premiadas



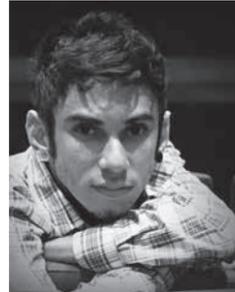
**Jade Moraes**  
Aracajoubert - 2012



**André Aragão**  
Xandrilá - 2011  
Derredor - 2012  
Hotel Palace - 2013  
Madona - 2014



**Everlane Moraes**  
Caixa D’água: Quilombo é esse? - 2012



**Marlon Delano**  
Atividade paranormal Aracaju - 2011



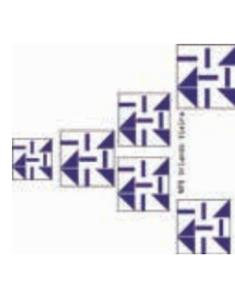
**Raphael Borges**  
Luzeiro - 2013



**Marcelo Roque**  
As aventuras de Seu Euclides: Lambe sujo e Caboclinho - 2012



**Caroline Mendonça**  
As mãos que bordam - 2013



**NPDOV (obra coletiva)**  
Do outro lado do Rio - 2011

Produtoras que realizam esquetes publicadas no Youtube e com página no Facebook:

Boga de Mijo



Canguru Pernetá



Nós temos vagas



# QUADRINHOS SERGIPANOS

Que história é essa?

Por Adolfo Sá\*



Arte: Maicon Rodrigues

\* Primeiro cartunista nordestino a ser publicado na revista Tarja Preta (edições #5 e #6)

## Revolução

1968. Verão do amor nos EUA; chumbo grosso no Brasil. Enquanto, na Califórnia, o cartunista Robert Crumb reunia amigos para lançar a revolucionária “ZAP Comix”, primeira revista em quadrinhos da contracultura, em Aracaju, um jovem hippie distribui poemas envelopados numa HQ.

Com traço arrojado até para os dias de hoje, o envelope mostrava um caminhão de combustível na estrada. No tanque, lia-se “INFLAMÁVEL”. A composição transmitia a sensação de velocidade, até o título estava em movimento.

Mário Jorge foi o primeiro poeta concretista de Sergipe, e REVOLIÇÃO foi sua única obra publicada em vida. Desenhava muito. Morreu em 73, aos 26 anos, num acidente de carro. “A primeira obra de Mário Jorge não foi bem aceita após sua publica-

ção”, diz o amigo Vinícius Dantas. “Houve um grande mal-estar”.

Assim começaram as histórias em quadrinhos sergipanas: de modo acidental e inconveniente.

“Sempre pensei em fazer quadrinhos”.

## Cabrunco

1996. Eu, Adolfo Sá, edito o fanzine “Cabrunco” e estou na invasão do Pereira Lobo entrevistando uma lenda para a edição de aniversário. Autor da HQ “Mangue Death Jam” e de três das oito capas do meu zine, Luiz Eduardo foi o primeiro cartunista sergipano a ganhar projeção nacional, ilustrando histórias nas revistas Calafrio e Mestres do Terror.

Trabalhou no estúdio Art-Comics, em São Paulo, até o Plano Collor – pacote econômico que confiscou a poupança de todos os brasileiros e levou muitas empresas à falência.

“Aí a frequência das revistas foi ficando irregular, a editora foi se apagando, e o pessoal do estúdio, que trabalhava com os americanos, falou que meu estilo era difícil de ser comercializado porque era pessoal demais. Mas o objetivo do cartunista é o quê? Ter o seu estilo, não é? E eu consegui! Agora, isso acabou atrapalhando também...”.

Luiz Eduardo voltou para Aracaju e, depois de morar um tempo na favela, encontrou alguma estabilidade trabalhando com publicidade.

## Impressões

1869. Angelo Agostini, desenhista italiano radicado no Brasil, publica na revista Vida Fluminense “As Aventuras de Nhô-Quim ou Impressões de Uma Viagem à Corte”, série de humor e aventura dividida em pequenos quadros.



1894. A revista americana “Truth” publica uma história desenhada com diálogos em forma de balões, “Hogan’s Alley”, de Mickey Dugan e Richard Felton Outcault, protagonizada pelo Yellow Kid.

Os quadrinhos surgiram na imprensa no fim do século XIX. Se no Brasil ou nos EUA, é uma discussão semelhante à da invenção do avião: Santos Dumont ou irmãos Wright? O fato é que eles demoraram a chegar por aqui.

1980. O Jornal de Sergipe começou a publicar as tirinhas clássicas do grupo Diários Associados: Fantasma, Recruta Zero, Hagar etc. Ao mesmo tempo, as bancas de revista diversificavam as opções. A garotada, enfim, podia ler todo mês as revistas da Turma da Mônica e os heróis da Marvel e DC.

É claro que isso influencia.

O jornal Folha da Praia saiu na frente publicando a primeira tira produzida no estado, “Alceu,

o Dogmático”, de José Augusto e Marcos Cardoso. Em seguida, surgiu o Correio do Povo. “Quando houve a intervenção do então prefeito Jackson Barreto para a entrada de Antonio Militão houve uma reação do grupo que apoiava Jackson, formado por Almeida Lima, Luiz Adelmo, Leo Filho, Bosco Mendonça”, lembra Edidelson Silva, o mais longevo e premiado chargista local.

“Fizeram um pequeno semanário para criticar o interventor e então governador Valadares, e me chamaram para fazer as charges. Morri de medo de ser preso, mas Luiz Adelmo falou: ‘Fique frio, se você for preso o que mais tem aqui é advogado’...”, conta entre risos. “Foi quando comecei a ser remunerado”.

Edidelson passou pela Gazeta de Sergipe, Diário de Aracaju, Cinform e hoje faz charges para o Jornal do Dia e SMTT. Tem 47 anos e três prêmios Banco do Brasil de Jornalismo.

## Automazo

1990. O acesso a tecnologias, como as máquinas Xerox e o programa de computador Windows, abriu um novo universo para a molecada que crescia ouvindo Nirvana e assistindo a Beavis & Butt-Head na MTV.

Inspirado na máxima punk “FAÇA VOCÊ MESMO”, surgiu um forte movimento fanzineiro em Sergipe. Aliando rock *underground* a quadrinhos independentes, surgiram o “Escarro Napalm”, de Adelvan Barbosa, em Itabaiana, e o “Microfonia e o Buracaju”, de Silvio Campos, no Bugio, zona norte da capital.

E do conjunto Marcos Freire III, veio o mais singular artista dessa geração: Jamson Madureira, autor de “AUTOMAZO” e a “Amanante do Mutante”. “A arte de Jamson não tem raiz alguma com o que já se fez no estado”, diz Adelvan, que atualmente apresenta o Programa de Rock, na Aperipê FM.

“A partir dos anos 90, o acesso a tecnologias como as máquinas Xerox e o programa de computador Windows abriu um novo universo.

Madureira já era bem conhecido na cena por sua banda Camboja e suas exposições em galerias – uma espécie de Basquiat local – quando lançou sua HQ experimental em primeira pessoa. “As reverberações vão de Bill Sienkiewicz a George Pratt”, continua Adelvan. “Mesmo assim, essa tentativa de aproximação em nada resume a dimensão da arte de Jamson. O caos de 68, poemas dadaístas e a música de John Cage talvez ajudem”.

Jamson foi o único artista plástico sergipano a expor na Mostra Nacional de Novos Talentos da Funarte, em 2010, no Rio de Ja-

neiro, e, no ano seguinte, realizou o filme de animação Simbolique, premiado no festival Curta-SE.

## Ói!

Anos 2000. Internet a milhã. Mundo globalizado. Mas nem tanto.

Aracaju tem um evento anual de quadrinhos, HQ FESTIVAL, que ocorre desde 2006, na Biblioteca Epiphânio Dória. “Dá uma galera”, diz Rodrigo Seixas, editor da revista Ói!. “O público existe. O que não existe é um perfil formado. Aí os festivais tornam-se o ambiente perfeito. A internet é boa pra isso mas com limitações: pra conhecer e encontrar pessoas que compartilham da sua loucura. Alimenta o espírito e fortalece a vontade de continuar produzindo e melhorando”.

Rodrigo também tem uma loja especializada, a R2, no centro da cidade. Ele é sócio do carioca radicado em Sergipe, Ro-

drigo Costa, ex-proprietário da Gibizone. “A Ói! veio primeiro, a revista surgiu da necessidade de desovar uma produção de histórias de forma mais séria e ‘profissional’ (detesto essa palavra). Rolou a oportunidade pra ministrar um curso de ilustração e nós queríamos montar um estúdio adequado pra produzir nossos trabalhos, com espaço, música alta e tudo mais. Aí criamos um sebo especializado em HQ colocando nossos acervos pessoais à venda”.

A terceira edição da “Ói!” sai em abril.

## LÊ GIBI

A cena se diversificou. Temos mais quadrinistas do que nunca.

De São Cristóvão vêm os irmãos chargistas Clécio e Gladston Barroso. “Comecei a fazer charges na época da UFS para o jornal Bonde Zero, mas comecei a desenhar na infância, fez parte da minha alfabe-



Anos 90

O acesso a tecnologias como as máquinas Xerox e o programa de computador Windows abriu um novo universo.

O Jornal de Sergipe começou a publicar as tirinhas clássicas do grupo Diários Associados: Fantasma, Recruta Zero, Hagar etc.

1980



CABRUNCO  
ZINE

1995

Nasce em Aracaju/SE a Cabrunco, uma fanzine que sai do habitual “recorta e cola” manual e partem a diagramação em computador.

HQ FESTIVAL

Anos 2000

Evento anual em Aracaju de quadrinhos, o HQ FESTIVAL.



De Itabaiana sai as publicações independentes: Suplicio Diabólico, A Última Dose e A Vida É Uma Merda.

LÊ GIBI

LÊ GIBI, projeto desenvolvido por André Correia, que distribui revistas para alunos de escolas em bairros pobres e comunidades carentes.

tização”, diz Gladston. “Sempre fui fascinado pelos quadrinhos”.

De Itabaiana, Adilson Lima, autor das publicações independentes “Suplício Diabólico”, “A Última Dose” e “A Vida É Uma Merda”. “Minhas histórias são sobre pessoas atormentadas por monstros imaginários, pesadelos, nostalgia, cansaço da vida... Muito difícil sobreviver com uma profissão dessa, para a maioria das pessoas são apenas desenhos mas... Não ligo, gosto de fazer, é minha pelada de fim de semana”.

Em Aracaju, Thiago Neumann e Eduardo Cardenas trazem uma bagagem do rock e dos filmes B. Juntos, publicaram “ARACAJU: Uma História em Quadrinhos”, pela Tecned, em 2011. “Eu não posso dizer que vivo da ‘minha arte’ exatamente, mas sim do meu ofício: trabalho como designer e ilustrador na Lumentech, uma empresa que produz games”, diz Thiago, também conhecido como Cachorrão. É dele a capa da “CUMBUCA #3”.

Atualmente, quem vem movimentando a cidade é o estudante

de história André Correia, com o projeto LÊ GIBI, que distribui revistas para alunos de escolas em bairros pobres e comunidades carentes. A iniciativa não tem participação de ONGs nem dinheiro público envolvido. “Sinceramente, eu não sei ao certo o que estou fazendo”, diz André.

“Eu só sei que estou fazendo. Gosto de quadrinhos e gosto de trazer crianças para o time da leitura. Ela é a ferramenta primordial de toda transformação social. O que eu queria mesmo era despertar esse sentimento de coletividade, de colaboração compartilhada. Um fluxo de redistribuição de gibis usados”.

André é cartunista e já publicou na “MAD”.

## SE A VIDA FOSSE COMO A INTERNET

Pablo Carranza também já publicou na “MAD”. Durante um ano. E recebia um salário por isso.



Se hoje Sergipe tem loja, festival e produção de quadrinhos, esse descendente de peruanos e alemães, de 28 anos, radicado no Sudeste há 5, pode ser considerado a ponta-de-lança do movimento.

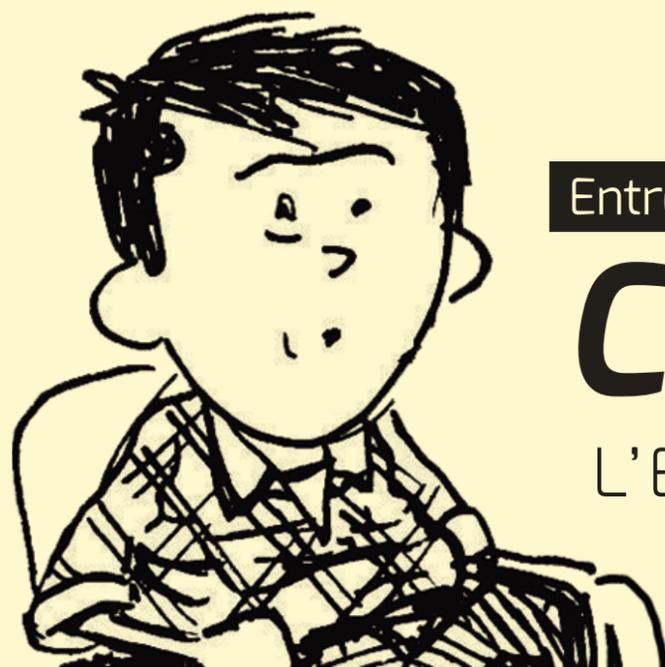
“Eu não teria conseguido metade do mercado que consegui se não tivesse saído de Aracaju, mas noto que essa necessidade de estar onde as coisas acontecem está cada vez menor graças à internet. Rio e São Paulo já foram as cidades ideais se você faz quadrinhos, mas acho que hoje em dia a cidade ideal é a internet. Eu faço vários freelas de ilustração para SP (Mundo Estranho, Sorria, Revista da Folha, UOL etc.) e moro no Rio. Não teria diferença se eu estivesse em Aracaju, mas por outro lado eu só pego esses freelas porque vim morar fora, fiz contatos, enfim, fui atrás”, declara Pablo Carranza.

Seu álbum de estreia, “SE A VIDA FOSSE COMO A INTERNET”, foi eleito Me-

lhor Publicação Gráfica de Humor em 2013 e levou o troféu HQ Mix – maior premiação dos quadrinhos no Brasil. “Comecei publicando profissionalmente no Cinform e na “MAD”, em 2007. Lembro que antes disso fui de jornal em jornal em Aracaju mostrando meu portfolio e alguns quiseram me publicar, mas não podiam pagar e eu não me interessei. O Cinform me ofereceu um contrato e no primeiro ano trabalhei com carteira assinada e tudo. Ou seja, meu único trabalho com carteira assinada foi como ‘cartunista’, hahaha”.

Mesmo com todo talento, atitude e sorte, a fase assalariada não durou muito para Pablo. Ele zoa dizendo que quando um jornal precisa equilibrar as contas elimina logo o cartunista. “Parece que o Pablo tá certo”, diz Edidelson, “quando o Correio de Sergipe entrou em crise o primeiro a perder o emprego foi meu amigo Cyborg, chargista de lá”.

Algumas coisas nunca mudam.



# Entrevista **Pablo Carranza**

## L'ENFANT TERRIBLE

**CUMBUCA** - Você fez faculdade, estudou publicidade. O que o fez desistir de ganhar dinheiro pra ser cartunista?

**PABLO CARRANZA** - Comecei a odiar publicidade no meio do curso, por isso nunca me tornei um publicitário. O engraçado é que cheguei a ser estagiário numa agência, e até o dono de lá falava que eu estava na área errada, hehe. Quadrinhos não me dão muito dinheiro, mas ganho o suficiente pra pagar minhas contas e ter uma vida OK. É uma questão de escolha.

**C** - “Se a Vida Fosse como a Internet” foi lançado através de edital do ProAc - Programa de Ação Cultural da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo. Como você soube dessa oportunidade? Já estava batalhando pra publicar o livro antes?

**PC** - Começou com uma série de tirinhas que eu publicava no meu blog em meados de 2008. Eu meio que enjoei e parei de fazer essa série algum tempo depois. Em 2010, a extinta editora Barba Negra me falou que queria publicar um livro com essa série. Fiquei animado por ter a possibilidade de lançar meu primeiro livro, mas eu já tava de saco cheio daquelas tirinhas. Aí eu comecei a fazer histórias longas e pensar num livro como algo que fosse mais completo que só uma compilação do que eu já tinha.

A Barba Negra estava mal das pernas mas eu já estava decidido a publicar nem que fosse com minha grana. Soube desse lance de editais, porque um amigo meu também cartunista, o Koostella, tinha me dado o toque. Então sentei a bunda no computador por mais de 1 mês e escrevi o projeto pro edital. Não sei por que,

mas desde que comecei a escrever o projeto eu sabia que ia conseguir. E acabou rolando mesmo.

**C** - Você é o primeiro sergipano a vencer o HQ Mix. Tava lá na hora em que foi anunciado, pra receber?

**PC** - Yeah! Sim, acho que fui o primeiro sergipano a receber, hehe. Tive sorte também de ter sido um dos troféus mais classudos do prêmio, senão o mais. É a estatueta dos Los 3 Amigos atirando em um Miguelito. Eu fui lá pra São Paulo receber o prêmio e passar a vergonha de subir no palco.

**C** - Como começou sua participação na “MAD”?

**PC** - Sempre li, cresci na década de 90. Quem trouxe a revista pro Brasil foi a Vecchi, e a

“MAD” era editada pelo Ota desde 1974. Então, quem acompanhava era fã dele. Em meados de 2007, a “MAD” estava pra mu-

o Photoshop, haha... A “ECA” acabou não indo pra frente, mas assim que a “MAD” mudou de editora ele me colocou pra den-

**C** - A quantas anda esse projeto?

**PC** - Atualmente, o projeto ainda é um projeto, e eu quase



dar de editora e Ota aproveitou pra lançar uma revista que era na mesma pegada mas só com cartunistas brasileiros, a “ECA”. Nessa época eu estava com a cara de pau de sair mostrando meus quadrinhos e acabei mandando vários pro e-mail dele. Fiquei ansioso esperando uma resposta, e quando ele respondeu foi pra me mandar tomar no cu, porque eu tinha entupido a caixa de entrada dele com arquivos que pesavam uns 10mb cada e ele não tinha conseguido receber nenhum e-mail importante naquele dia, hahaha. Isso porque eu não sabia mexer muito bem com computador e mandei do jeito que estavam, em alta qualidade de impressão.

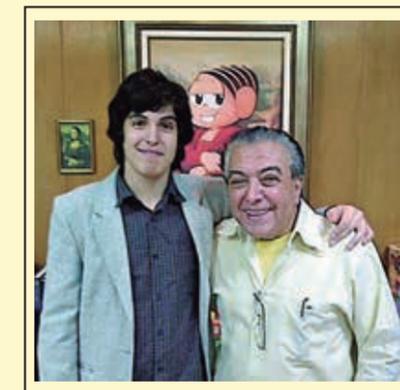
Enfim, no final do e-mail ele disse que tinha gostado do material e que era pra eu mandar mais, só que dessa vez em baixa, e em anexo mandou um tutorial que ele mesmo montou sobre como salvar arquivos em baixa usando

tro, me pagando, claro. Publiquei lá por quase 1 ano, até que rolou uma briga do Ota com o novo editor. Ele decidiu mandar todo mundo à merda e saiu da revista. Eu acabei apoiando ele e saí também, em 2008.

**C** - Você e o cartunista Stêvz roteirizaram uma versão sitcom do seu livro. É pra TV ou pra internet?

**PC** - Esse é um projeto da minha namorada, Alzira Valéria. Basicamente, é fazer um *sitcom* baseado nas ideias do “Se a Vida Fosse como a Internet”. Ela me pediu pra escrever um roteiro piloto pra tentar vender pra TV, e no começo fiquei meio perdido, porque eu nunca tinha escrito um roteiro, a não ser pros meus quadrinhos, e, do nada, teria que escrever um episódio de 24 minutos. Stêvz foi quem editou meu livro, e achei que o melhor seria chamar ele pra escrever comigo. E escrevemos.

não tenho controle sobre ele. TV é um mundo meio bizarro e as pessoas brigam o tempo todo porque tem muita gente fazendo. Não é como quadrinhos, que você tem controle sobre sua obra. Agora a obra é minha, de Alzira e de Stêvz, mas nenhum de nós tem ideia de como o resultado vai ficar, porque isso depende de não sei mais quantas pessoas. Dei uma desapegada e tô deixando ver onde vai dar. Tomara que fique massa. **G**



Pablo Carranza e Maurício de Souza.



## Lara Vieira

Sergipana de Aracaju, nascida em 9 de abril de 1949, Lara Vieira é formada em Letras, pela Universidade Federal de Sergipe.

Desenvolveu importantes projetos na área cultural do seu Estado, promovendo concursos, seminários e coordenando oficinas literárias. Estreou na poesia em 1977, com o livro *Ruínas*. A partir daí, publicou outros livros, a exemplo de *Interiores* (1982), *Esses tempos ad/versos* (1984), *A fome do paraíso* (1994) e *O coro da serpente* (2001).

Participou das seguintes antologias: *Ensaio V*, SP (1981), *Poesia Jovem: anos 70*, SP (1982), *Antologia da Nova Poesia Brasileira*, RJ (1992), *Poesia livre*, Ouro Preto (1982) e *Poesia Sergipana no Século XX*, RJ (1998).

Premiada nos seguintes concursos: *Veia Poética*, SP (1981), 2º Concurso Mackenzie de Poesia, SP (1981), XII Concurso de Poesia Falada do Norte/Nordeste, Aracaju (1983), Prêmio Escriba de Poesia, Piracicaba (1990), 2º Concurso Internacional de Poesia Mulheres Emergentes, Belo Horizonte (1999).

### LIÇÃO DE CASA

Quando atravesso a cozinha  
e vejo os peixes em postas  
penso na criação.

Como retalhar o poema  
e retirar de cada verso  
as escamas  
sabendo o momento exato do sal  
e esperar – coração desesperado –  
a aprovação do ofício.

*(A fome do paraíso, 1994)*

### EQUÍVOCO

Fiz de meus silêncios tua voz  
teci a realidade incorporando teu gesto  
e jeito  
mas não conseguiste decodificar o texto.

Na melhor das intenções calei.  
Fui só contemplação  
e tu esperavas movimento.

Hoje estou assim:  
aberta a teu furor  
ou a teu abraço.

*(Esses tempos ad/versos, 1984)*

### AVE TERESA

Os êxtases  
de Teresa  
me consomem  
Ao vê-la suspensa  
sobrevoando Ávila  
comenta-se:  
Das exigências de Deus  
esta  
é a mais leve.

### ESTE LADO DO PARAÍSO

O paraíso é aqui  
onde o ego  
se dissolve  
e o silêncio organiza  
a alma  
arrancando os ruídos  
que tumultuam a casa.

*(A íntima humanidade)*

2003

### DE UM GOLE PARA OUTRO

É nos bares  
que se tomam  
grandes decisões  
que as máscaras  
descolam das caras  
que a vida surge  
com toda sua volúpia  
foi num bar que resolvi  
amar fulano.

*(Esses tempos ad/versos, 1984)*

Ilustrações: Hortênci Barreto

Foto: Márcio Santana Sobrinho



Maria Lúcia Dal Farra nasceu em Botucatu/SP. Estudou em sua terra natal, como também na capital paulista, em Lisboa e em Paris. Foi professora na USP, na Unicamp, em Berkeley (Califórnia/USA) e na UFS, onde se aposentou. Estreou na Poesia em 1994, com o *Livro de Auras*. Em 2002, veio o *Livro de Possuídos* (poesia), e em 2005, *Inquilina do Intervalo* (ficção). Em 2011, *Alumbramentos*.

Tem mais de cem artigos e ensaios publicados, dentre os quais se destacam “As pessoas de uma incógnita”; “Estudo sobre Fernando Pessoa” e as “Inéditas” (Lisboa: Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa, 1977); “O narrador ensimesmado”; “Estudo dos romances de primeira pessoa de Vergílio Ferreira” (São Paulo: Atica, 1978).

Recebeu, em 2003 o título de cidadã sergipana. Em 2012, venceu a 54ª edição do tradicional Prêmio Jabuti de Literatura, na categoria “melhor livro de poesia”, com o livro *Alumbramentos*. É reconhecida internacionalmente pelos seus estudos sobre a escritora portuguesa Florbela Espanca.

Maria Lúcia Dal Farra mora em Sergipe desde 1986.



CASA

Redonda, uma mesa cogita  
Sua memória de árvore  
enquanto o nó central se amplia  
pela luz vertical que a retira  
da morte.

Esse arbusto cresce  
e engole a lâmpada elétrica:  
os galhos já resplandecem  
filtrados de sol.

Do chão  
o assoalho estremece  
e revive  
(através da cera recém-acumulada)  
os momentos íntimos das coisas da casa  
no seu tempo de floresta.

(*Livro de Auras*, 1994)

AMOR TIRANO

A Náira Dantas

Não te peço os cantos difíceis  
das manhãs escurecidas  
e nenhuma explicação  
sobre a geografia dos voos.

Quero de ti  
Apenas a vontade aberta  
com que os grilos cantam as casas  
e os inquilinos se agasalham na noite,  
aquietados.

Foste tu que me ergueste na madrugada  
e o segredo dos tempos ficou  
plasmado no seu ombro.

Vem  
que já não posso ouvir deste momento  
as horas implacáveis acontecendo pontas  
nas paredes.  
Aquelas –  
que ainda indicam

todos os lados do aconchego.

(*Alumbramentos*, 2011)

IDADE

A primavera agita zumbidos  
de flores e de cio  
enquanto o sol canta baixo  
roçando o meu anseio,  
que flutua no pio das asas  
na paina fresca da aragem.

Leveza:  
é tudo quanto peço ao tempo.

(*Livro de Auras*, 1994)



## MELANCIA

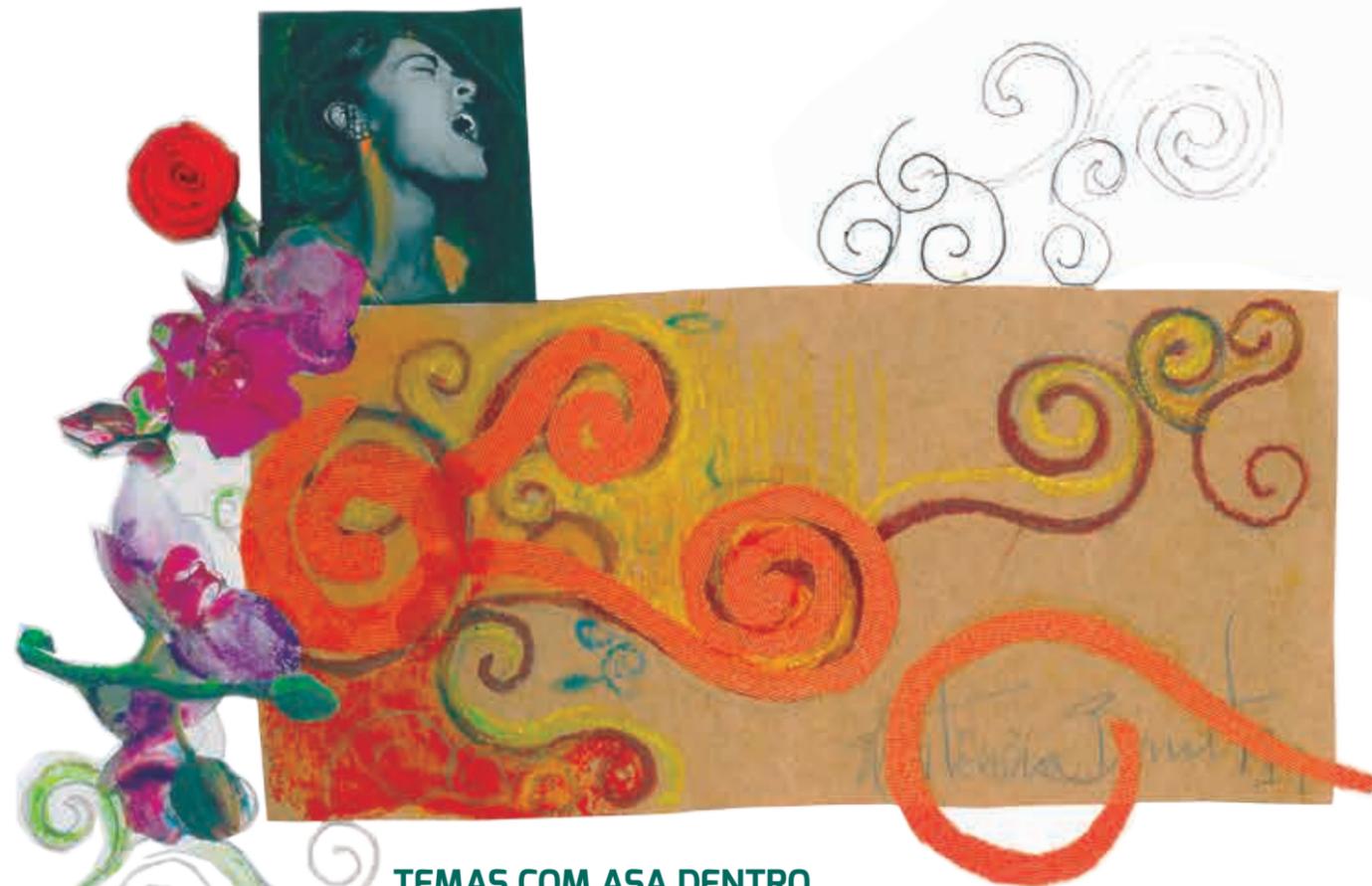
Não sei se é de zebra  
a pele que usa  
ou se dum tigre  
Só sei que habitam o imo desse bicho-vegetal  
(tal como à vaca da Índia)  
trezentos e trinta milhões de deuses.

São seres do líquido  
daquilo que reluta em não se encarcerar  
e sendo que a isso acedem  
exigem que transcenda  
(para além do silêncio)  
o movimento desse interno debater-se:  
ondas, rajadas e faixas contrafeitas  
a casca radiográfica.

Embutida nas sementes negras  
toda a falange divina quer se libertar.  
A fruta dilata, elastece  
(ganha estrias)  
mal sustendo o vermelho,  
cuja espuma movente abre minúsculas crateras -  
canais por onde escorregam as divindades  
que a boca  
(ávida)  
aguarda.

Gosto de pensar que  
(ao menos provisoriamente)  
meu corpo é o templo que as acolhe.

(*Livro de Possuídos*, 2002)



## TEMAS COM ASA DENTRO

*A Sissi Goes Dantas*

Mesmo que a asa lance o pássaro  
para longe do olhar  
minha alma é ninho onde ele  
(por ofício)  
retorna  
para repousar.

Anseio os dias chuvosos  
de pingos que insistem em lavar  
e lavar o coração:  
por esses hei de sentir  
agulhas e garras  
da estimação.

Perdigão perdeu a pena.

Amor penado  
é aquele que voa  
ou  
que tem penas?

(*Alumbramentos*, 2011)

## Billie Holiday

Tua voz ergue parreiras  
por onde coalhas a luz  
e uma surdina recobre a vida  
- vinho que o ouvido traga  
para tocar direto a libido  
(como se com dedos fosse).

Tua garganta tem unhas de gato  
(sustenidas)  
aéreas orquídeas lilases  
pelúcia com que forras a clave  
(o sofá)  
a enternecer o embriagado ouvinte  
que devancia sobre o teu corpo  
enquanto te emprestas apenas  
o teu sopro.

(*Alumbramentos*, 2011)

# Organza



É muito raro encontrar alguém que transite por duas artes com a mesma naturalidade. Hortênci Barreto, que já tem uma longa trajetória como artista plástica, de repente se descobriu poeta. E ela transporta para a poesia aquela leveza a que já nos acostumamos, quando diante de seus quadros.

Antenada nestes tempos em que a arte não para de se questionar a si mesma, Hortênci não se contentou em ficar apenas pintando o mesmo. Com determinação e coragem, buscou novas formas de expressão, entre elas a palavra poética, conquanto de poesia já fossem feitos seus quadros. Hoje, trabalhando não apenas com tintas, mas com novas texturas, ela abre caminhos para si mesma, demonstrando aquela inquietação que deve habitar o verdadeiro artista.

Onde estará o ponto de confluência entre a artista plástica e a poeta que foi se descobrindo pouco a pouco? Digo, sem nenhum medo de errar, que esse ponto está no seu espírito lúdico. Se, nos seus quadros, o lúdico se transfigura em colagens feitas de sianinhas, rendas, filós, e mesmo bonecas inteiras de pano; na poesia, ele se dá pela dança natural das palavras que parecem brotar por si mesmas de sua sensibilidade diante das coisas, como se as estivesse vendo pela primeira vez.

Foi redescobindo o mundo das bonecas de pano que ela acordou dentro de si todo um rio de lembranças que se transformou em arte pictural e linguística. Os dois mundos confluem e se encontram na leveza das formas e das palavras, tudo tão transparente quanto as personagens que povoaram sua infância. Aqui, poesia e pintura se complementam. O que vemos com os olhos encontra correlato nas palavras que nos levam para um mundo que parecia perdido, mas que estava apenas adormecido.

Hortênci Barreto revela um fôlego incansável para a procura de novas formas de expressão, retalhos da infância, que vêm com as personagens que povoam seu espaço mítico, como os avós, as tias, a mãe, as irmãs. Tudo forma um redemoinho de

lembranças que se estrutura em linguagem e dá, à sua obra, um lirismo muito pessoal. Há também a vida simples do interior, que nos assalta bem devagarinho sob a forma de um bule, de um pé de carambola, de um vaso de gérberras, de uma caixa de pó *Promesa...*

Mas Hortênci não é só isso. É também a artista que passeia pelas margens do Sena, num toque de sofisticação que, no entanto, não a faz esquecer sua simplicidade original, fincada em Dores, sua cidadezinha natal. Ela consegue o feito de ser cidadã do mundo sem se descolar de suas raízes. Essa é a marca de Hortênci: nome de flor, pintura, e agora também de poesia.

Antonio Carlos Viana



Porta-Retrato  
2005, colagem de renda, espelho e sianinha s/ tela, 100x100 cm.



Santa Terezinha  
2005, acrílica, colagem de rendas e tecidos  
s/ tela, 100x100 cm.



Casamento de Adélia  
2008, colagem de tecido e óleo  
s/ tela, 100x100 cm.

# Autobiografia

Fui bordada  
em linhas singer  
Em ponto matiz  
de luz e sombra  
sobre organdi  
fizem meu enxoval  
e nasci com o dia  
na praça da matriz  
a rua cheirando a pão.

E cresci  
sob um pé de carambola  
com um nome (macio)  
azul flor,  
amanheci dezembros  
atravessei fevereiro  
correndo com medo  
de mordida de marimbondo  
e mergulhei no açude  
e fui parar  
no lado gauche  
do Sena  
perto de um grande palácio  
onde, de sua janela,  
uma jovem me acenava  
com aquele sorriso,  
enigmático

Mas em pele de organza  
e sol de anil  
o vento traz  
um voo de vozes  
sobre o voile;

é um zum zum  
da minha infância  
que hoje fala francês:

je suis d'ouricuri.

Hortência Barreto



Pose para o Retratista  
2006, acrílica, colagem de tecidos  
s/ tela, 100x50 cm.



# TESSITURAS POÉTICAS: HORTÊNCIA BARRETO

A PINTURA/TRAMA DE

Lilian Cristina Monteiro França

## Romance

Um ninho de letras  
consoantes cantam  
pintassilgos salgados de mar.  
Num ninho de consoantes  
pintassilgos cantam  
consonantes.

Um ninho de pintassilgos  
consoantes cantam.  
Num ninho de consoantes  
pintassilgos cantam  
salgados de mar.

Hortência Barreto



Cambaia da Memória  
2005, Hortência Barreto, técnica mista.  
Foto: Marco Vieira.

No silêncio absoluto de seu atelier, Hortência Barreto realiza seu trabalho artístico. Alternando pinturas, desenhos e colagens com a escritura poética que, por vezes, incorpora a suas telas.

O ambiente calmo e tranquilo é quebrado por notas de jazz e trilhas sonoras de filme, música clássica e instrumental. Nessa atmosfera surge uma obra que vem se consolidando ao longo de sua vida.

As reminiscências da infância vão pontuando os temas tratados em cada uma de suas fases, como em “Cambaia da Memória”, 2005, utilizando as fotografias da família misturadas a tecidos e fitas.

Nascida em Nossa Senhora das Dores, Sergipe, a artista incorporou a seu imaginário as bonecas de pano, artesanato típico e popular na cidade, as rendas, estampas e bordados que vão dando o colorido e a textura às colagens e pinturas.

Nesse emaranhado de recordações, ficção e realidade misturam-se: em “Cambaia da Memória”, por exemplo, o rosto da irmã mais nova aparece na boneca que a artista carrega ao lado de sua mãe e da irmã mais velha.

“O trabalho das bordadeiras, rendeiras e costureiras povoou sempre a minha infância. Minha avó, tia-avó e minha mãe costuraram, bordaram e fiaram a trama, a linha do que viria a ser meu universo poético. Nessa época, eu e minhas irmãs ganhamos nossa primeira boneca de pano”, revela Hortência.

Em sua fase atual, a artista desmonta as estampas tradicionais de bordados e fazendas rústicas e as recostura em grafismos figurativo/abstratos, como em “Tarde de verão”, 2007, que apresenta estilizações de ponto cruz, rendendê, crivo, boa noite e labirinto, criando motivos que urdem traços do tradicional, do moderno e do contemporâneo.

A clássica toalha que habita as mesas dos interiores sergipanos (não só) é revista em “Matinal”,



Tarde de Verão  
2007, Hortência Barreto, técnica mista.  
Foto: Marco Vieira.



Matinal  
2009, Hortência Barreto, o.s.t.  
Foto: Marco Vieira.

2009, em que as cores tropicais são atenuadas com pastéis impressionistas, fluando nos limites da tela para além da mesa, cobrindo toda a superfície. Assim, quebra a perspectiva *albertiana* para jogar com a imaginação e criar campos de inquietação e dúvida.

Componentes da arte contemporânea, a inquietação e a dúvida surgem num convite ao jogo, estabelecido pela correlação de imagem e texto, no caso, o texto que nomeia a tela: “Doce em Compota”, 2009. Elementos figurativos, cajus, ameixas, laranjas, misturam-se ao abstra-

cionismo formal, na teia reticulada dos bordados. A toalha é posta sobre a parede e transforma-se em uma espécie de mural, provocando um novo olhar sobre o cotidiano.

Sempre em busca de novos caminhos, Hortência se envolve com os espaços plásticos tridimensionais e produz também instalações, como: “Véu de Voile” e “Cajus de Crochê” e escreve uma poemas, como “Geometria Perfumada”, de 2006.

Exercitando a utilização de várias técnicas, Hortência produz colagens, inspiradas nas padrona-

gens de tecidos populares, como a chita e o chitão.

Em 2011, participou do projeto de arte urbana denominado “Caju Parade”, aplicando sobre uma estrutura base, comum a dez artistas, a pintura/trama de sua fase atual e, em 2012, expôs na AGORA Gallery, no bairro de Chelsea, em Nova Iorque, na coletiva intitulada “Sinfonia da Cor”.

Foi, também, uma das artistas convidadas a pintar um dos painéis do “Museu da Gente Sergipana”, registrando diferentes elementos de composição utilizados por “nossa gente”.

Sinônimo de pluralidade, Hortência ilustrou o conto Rapunzel, do livro *Era uma vez os irmãos Grimm* (DCL/SP), 2006, de Kátia Canton, e teve uma de suas obras, *Gulosa Atlântica*, utilizada como ilustração no cartaz do seminário “Tendances de la Littérature Brésilienne Contemporaine: Auteurs et Critiques”, 2010, pela Universidade Sorbonne.

Num momento em que a arte contemporânea assume contornos cada vez mais expressivos no mercado internacional de arte, Hortência Barreto aprimora ainda mais a sua linguagem e se lança no cenário internacional e passa a merecer a atenção de galeristas e colecionadores norte-americanos. 



Detalhes de suas obras mais recentes – Hortência Barreto – o.s.t.



## Catálogo

O catálogo da artista, “ORGANZA”, pode ser visto em seu site: [www.hortenciabarreto.com](http://www.hortenciabarreto.com), assim como outras obras, poemas, textos, premiações e um pouco mais dessa obra que nos remete ao passado e nos lança ao futuro.

## Exposições

– **França:** Galeria Marie Charlotte – Saint Jean de Luz; Galeria Reciproque – Montauban; Galeria Ginou Larroulh – Biarritz; Hotel de Biarritz – Biarritz; Galeria Marie Charlotte – Capbreton; Castelo Claire de Lune – Biarritz; Galeria Passárgada – Neauphle le Vieux; Galeria Saint Paul – Paris.

– **Estados Unidos:** AGORA Gallery – New York; Rodge House Gallery – Rhode Island; Slater Mill Gallery – Rhode Island; Museu de Arte da América Latina – Miami.

– **Espanha:** Crisolart Galleries – Barcelona.

– **Itália:** Galeria La Pigna – Palazzo del Vicariato – Vaticano.

Exposições por diversos estados brasileiros: São Paulo - MAC-USP -, Curadoria Ana Cristina de Carvalho, ao lado de Regina Silveira, Elias Santos e Vera Gamma, entre outros; Centro Cultural do Banco do Brasil - CCBB -, ao lado de Beatriz Milhazes, Lêda Catunda e Guto Lacaz, entre outros; palácio dos bandeirantes, Curadoria Ana Cristina Carvalho, ao lado de Aldemir Martins, Francisco Brennand e Vicente do Rego Monteiro, entre outros; Rio de Janeiro - Parque Lage, Galeria Marly Faro; Bahia, Sergipe e Brasília.



“**ETHEL MUNIZ**, artista Franco-Brasileiro, nascido em Aracaju, Sergipe, Brasil. Poeta, pintor, ator, videasta, músico, um artista múltiplo! Vive e trabalha entre Alemanha (Berlim), Itália (Roma) e França (Paris, Biarritz).”

Obras: Ethel Muniz

# A ARTE DE ETHEL MUNIZ

*Antonio Fernando Pinheiro Pedro*

Conheci Ethel Muniz ainda jovem, nos anos 70, apresentado por um grande amigo em comum e também pintor (um dos grandes representantes do tropicalismo fantástico brasileiro), Gilson Barbosa.

No entanto, já naquela época, Ethel havia transcendido aquele movimento. Seu desenho, leve e suave, produzia figuras fleumáticas, blasés, bem humoradas, que pareciam flutuar no papel, fosse um guardanapo, fosse papelão.

A pintura de Ethel surgia carregada do mais puro espírito neofauvista. Nesse sentido, Ethel foi, e ainda é, o grande representante desse resgate fauvista no final do século XX no Brasil e, acredito, mesmo na Europa.

Seus quadros reproduzem com tintas carregadas, mas suavemente passadas na tela, ambientes pouco iluminados e cheios de sentimento. Também reproduzem momentos de colorido profundo, ambientes iluminados de forma solar, ainda que fechados.

Como se fossem dois Etheis: um que desenha com suavidade, sem que se saiba se é dia ou noite, em traços finos, cores leves, apenas sugeridas, misturando, às vezes, o pastel com nanquim, o lápis com a caneta colorida, ou até mesmo uma esferográfica inspirada, produzindo figuras que flutuam,

criam vida própria; e outro Ethel que carrega nas tintas, que ocupa toda a tela, seja pequena, seja um mural, nos levando para tempos passados, figuras eternizadas, com olhos firmes em rostos alongados, na mais pura expressão neofauvista.

No entanto, mais uma vez, Ethel transcende. Ele avança de forma interdisciplinar, aplicando à sua arte toques musicais, performances gravadas em vídeos, cantorias. É um artista multimídia e midiático, interrelacionado com o seu tempo, com os momentos do mundo, retratados numa gravata amarela dos tempos das “Diretas já!”, dos anos 80 no Brasil, ou no vermelho-sangue da revolta popular ucraniana, nestes dias agitados de desvinculação daquele país com o domínio russo...

A arte de Ethel avança para a poesia. Nesse campo, sempre um militante da causa da poesia, integrante do movimento “poesias populares”, nos anos 70, em São Paulo, e integrante do seletto grupo de indivíduos que se expressam em poesia e crônicas suaves, eróticas, engajadas, românticas, cada vez mais raros no nosso ambiente, por sua vez, sempre mais escatológico e árido...

Ler Ethel apreciando seu grafismo integrado com a poesia agrada à alma e nos remete a momentos de pura abstração. Esse é o sentido da arte. **■**

# Certidão de Nascimento da **CIDADE DO ARACAJU**

## PROBLEMAS, DÚVIDAS E SOLUÇÕES

Vladimir Souza Carvalho

No seu nascedouro como cidade, Aracaju deu muita topada para poder aprender a caminhar. A sua certidão de nascimento, refletida na Resolução 413, de 17 de março de 1855, mostra, escancaradamente, alguns graves problemas, para não dizer gravíssimos, nela cravados. Um, traduzido no local onde seria ou deveria ser a sua sede; outro, relativo à área do novo município; um terceiro, no verdadeiro nome do novo município. Em consequência, omissões, problemas e dúvidas conseguiram se sobressair.

No primeiro caso, o art. 1º da mencionada resolução é de redação bem simples: *Fica elevado à categoria de Cidade o Povoado de S. Antonio do Aracaju na Barra da Cotinguiba com a denominação de – Cidade do Aracaju.*

Da sua leitura, nenhuma dúvida: o local escolhido para a Cidade do Aracaju é o Povoado de Santo Antonio, lá no alto da colina. Não foi toda a região conhecida já então como Aracaju, porque, na lição de Sebrão, sobrinho, Aracaju era muito grande e tinha diversos nomes, uma vez que constituiu uma ribeira com variados lugares à margem direita e esquerda do rio Aracaju, também chamado da Cotinguiba, por causa de sua Barra e por ficar na ribeira da Cotinguiba de Baixo. O local escolhido, portanto, foi, especificamente, o Povoado de Santo Antonio, que passava a ser Cidade do Aracaju, perdendo o nome anterior, que, desta forma, desapareceria da geografia local. O povoado de Santo Antonio não

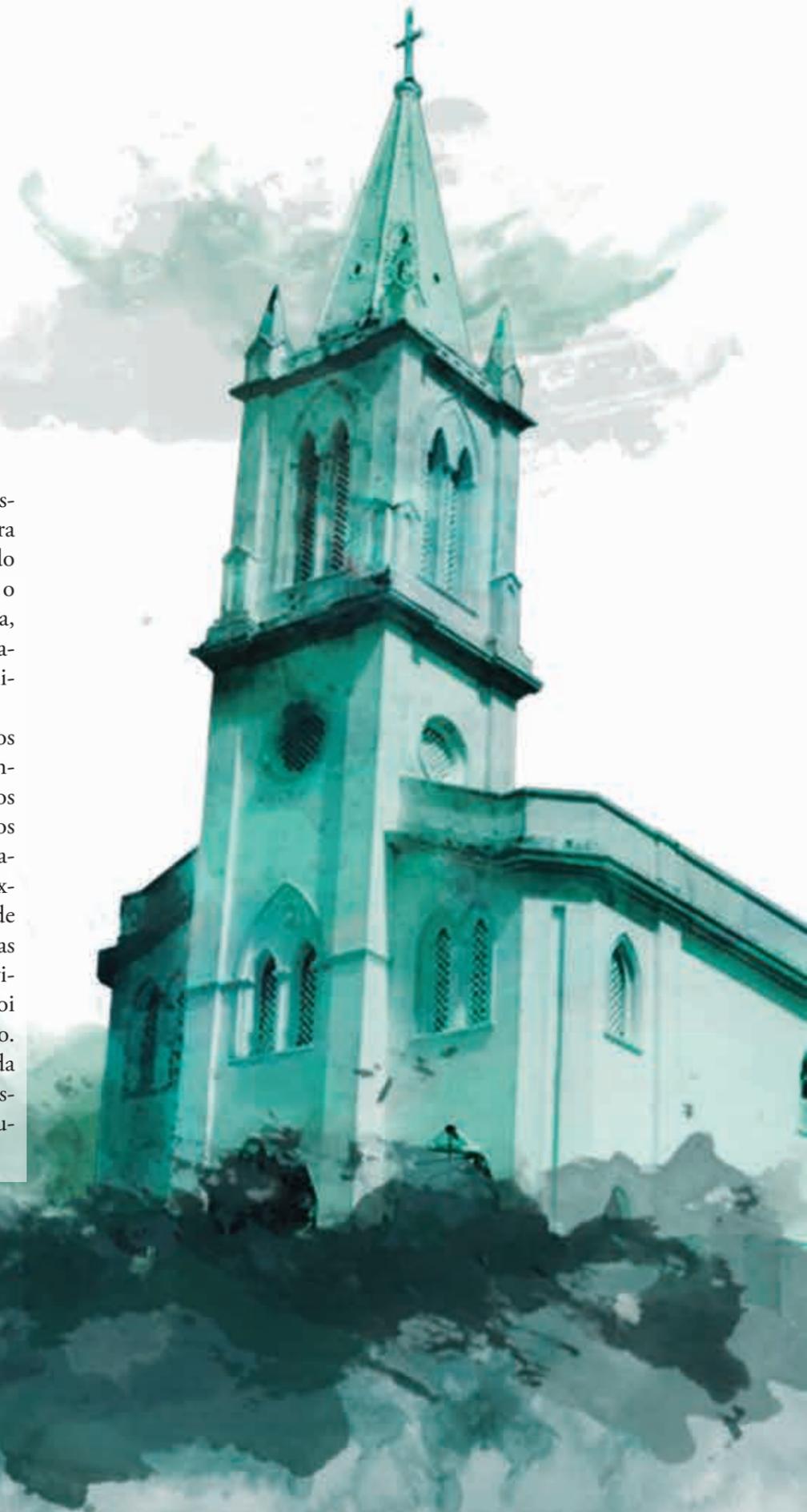
seria mais objeto de qualquer menção. A aludida Resolução 413, de um lado, acenava para a sentença de morte do povoado, ao ensejo que simbolizava a certidão de nascimento da Cidade do Aracaju.

No segundo caso, no art. 2º, consta: “O município da cidade do Aracaju será o da villa do Socorro, sendo sua sede na referida cidade”.

Da sua interpretação, uma verdade pouco discutida, na adoção por Aracaju, já município, do espaço físico da vila de Socorro. Uma vez que a sede da nova cidade passava a ser o da vila de Socorro, o município com este nome deveria desaparecer do mapa local. Ou seja, Socorro deixaria de existir, levando em conta o princípio segundo o qual dois

corpos não podem ocupar o mesmo espaço. Da mesma maneira que o art. 1º matou o Povoado Santo Antonio, agora vestindo o fato de sede da capital sergipana, com o nome de Cidade do Aracaju, também extinguiu o município de Socorro.

Então, dos dois dispositivos em foco, de antemão, observam-se alguns problemas, sendo os mais importantes representados pelo desaparecimento do Povoado de Santo Antonio e pela extinção do município da vila de Socorro, como consequências indiretas da Resolução 413. Evidentemente que nada disso foi colocado na resolução em foco. Nem precisava, ante a clareza da redação dos seus arts. 1º e 2º, respectivamente. Os problemas aludidos brotaram da resolução.



Não ficou só aí. A resolução em tela ainda criou outro problema, deixando à sua margem as demais áreas que não ficaram fazendo parte dos limites do novo município, apesar de serem integrantes de toda a extensão de terras abarcadas com o nome de Aracaju, que não era pequena, pois, ainda segundo Sebrão, sobrinho, *Aracaju não era um sítio, mas um agregado de sítios, de localidades à margem de um rio, que fazia barra no mar e ao qual ela, como ribeira, se tornou epônima, lhe dando o nome, isto é, a ribeira do Marãcaiu ou Aracajú*. Não fazendo parte do novo município, ficaria a área remanescente ligada a que outro: a) a São Cristóvão, que estava mais próximo? b) ou a outro e novo município a ser criado? Não havia onde se encontrar a resposta.

Outro [problema] se liga ao nome do município. Pelo art. 1º, a impressão inicial é que o nome estabelecido é o de Cidade do Aracaju, no plural, com a colocação da palavra cidade no maiúsculo. Os arts. 2º e 3º também destacam a Cidade do Aracaju, enquanto o art. 4º do mesmo modo adota, embora implicitamente. A ementa da Resolução 413 igualmente sinaliza: *Eleva a categoria de cidade o povoado de S. Antonio do Aracaju na Barra da Cotinguiba com a denominação de – Cidade do Aracaju*. O uso consecutivo do termo cidade, o primeiro no minúsculo, e, depois antecedendo a denominação, na ementa e no art. 1º, e, sem seguida, com a afirmação direta e clara de que seria Cidade do Aracaju, não deixa nenhuma dúvida do nome

composto adotado pelo legislador provincial: Cidade do Aracaju. Não devemos esquecer que São Cristóvão, em verdade, era a Cidade de Sergipe.

Graças a todos os piedosos santos, os problemas oriundos da Resolução 413 foram resolvidos aos poucos, consertando-se as assertivas contidas no seu bojo, sem que Aracaju, digo melhor, a Cidade do Aracaju, tivesse perdido a coroa de capital da Província.

O povoado de Santo Antonio, talvez, tenha ignorado o art. 1º da Resolução mencionada, preferindo continuar sendo um povoado. Talvez fosse mais simples ficar como estava. Com o tempo, aliás, muito tempo depois, passou a ser bairro, e, assim, nessa condição, continua sem reclamação alguma sem exigir do Poder

Público o cumprimento integral do art. 1º da Resolução 413. E, ademais, tudo pacificamente, sem revolução, sem ninguém pegar em armas. Nada. Tudo, absolutamente tudo, permaneceu como antes. Dir-se-ia até que o povoado recusou a roupa de cidade. Sobra a impressão.

Embora tivesse desembocado nesse porto, a rota seguida foi outra. O administrador provincial, ante a realidade geográfica do agora ex-povoado de Santo Antonio, percebeu que o local ideal para sede da Cidade do Aracaju era mesmo o porto dos Ferreiros, na Olaria, ou seja, lá embaixo, onde está o centro histórico, de modo que, fechando-se os olhos para o art. 1º da Resolução 413, deu-se início à ocupação dessa área [da Olaria], deixando o Povoado de Santo Antonio como estava. Não se registram reclamações: nem dos habitantes do povoado de Santo Antonio, que, talvez, vissem a condição de cidade como algo muito pesado para carregar nos ombros, ou, como esmola grande, nem dos habitantes da Olaria, a qual, de um momento para outro, começava a se vestir de edifícios novos para os serviços da Administração provincial. Rapidamente, em 28 de abril de 1855, via da Resolução 422, o problema foi corrigido: [...] a 'Cidade do Aracaju' passou a denominar a um outro lugar, voltando o da colina, com a perda da Cidade e da Capital, a ser o que era dantes: o povoado de Santo Antonio do Aracaju [...].

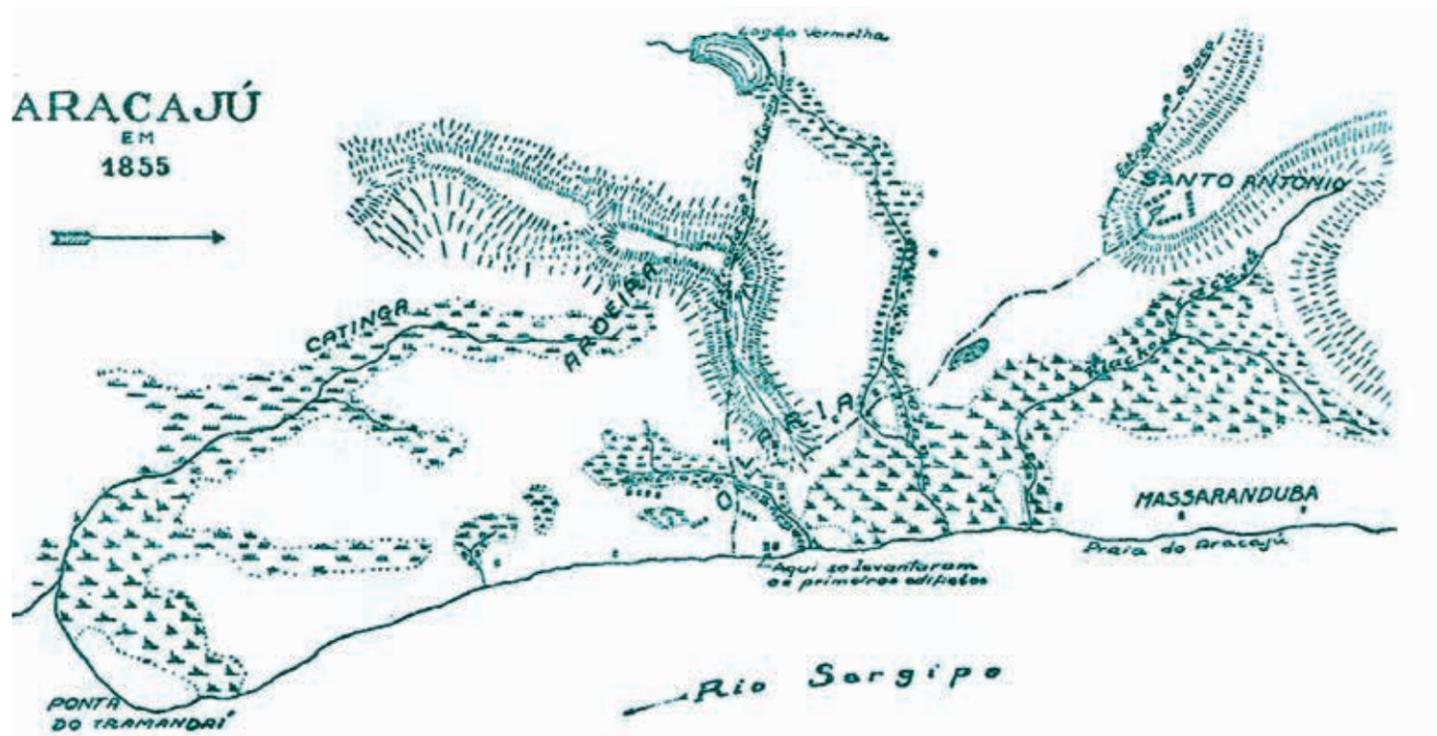
O povoado de Santo Antonio preferiu continuar sendo um povoado e com o tempo se transformou em um bairro.

Outro problema resolvido ocorreu com o município da vila de Socorro, que, também, em nível de território, conservou-se como estava, não encontrando o art. 2º da supra-mencionada portaria nenhuma repercussão pragmática. A Cidade do Aracaju não se aventurou a ocupar seu território, em cumprimento a Resolução 413, nem se registra que o socorrense tenha feito caretas de inconformismo. É bem mais fácil que nada tenha chegado ao seu conhecimento, ou, se chegou, não despertou interesse algum, Socorro permanecendo com sua área territorial intacta, até que a manutenção de seu status anterior reclamou o retorno da situação primitiva, via da Resolução n. 792, de 24 de março de 1868, a elevar a categoria de vila o povoado do Socorro da Cotinguiba, na informação de Sebrão, sobrinho. Extinta a vila pela Resolução 413, voltava a povoação a ser vila outra vez. Aliás, Socorro foi a grande vítima de tal Resolução, a ponto de Sebrão, sobrinho, crismar de *sacrifício de Socorro da Cotinguiba, que perdeu os foros de Vila e*

*de Município, sendo reduzido a um mero povoado e, logo depois, perdeu o de Freguesia*.

O último, enfim, relativo ao nome da nova capital, recebeu solução simples. Se Aracaju não era mais povoado, e sim cidade, seria um pleonasmo denominá-la de Cidade do Aracaju. Em consequência, a denominação, consagrada na Resolução 413, perdeu a primeira parte, isto é, Cidade, para se tornar somente Aracaju, ou seja, sendo cidade sem necessidade de ter a expressão agregada ao seu nome.

A conclusão, ante os defeitos e senões da Resolução 413, imediatamente percebidos, é que tudo foi sendo consertado aos poucos, ficando Aracaju assentada no local devido [Olaria], estendendo-se, no decorrer dos anos, por toda a área às margens da ribeira do Aracaju, enquanto o povoado de Santo Antonio ficou sendo povoado, Socorro voltou a ser vila, outra vez. Do panorama vivido, no cotejo da letra da Resolução 413 com a realidade, se colhe a impressão que o legislador, de então, desconhecia a geografia do local escolhido para ser a Cidade do Aracaju, ensejando os escorregos denunciados. Portou-se, contudo, com extrema humildade, para, reconhecendo os equívocos cometidos, procurar saná-los. No final, tudo deu certo, com exceção do termo Olaria, a crismar o centro histórico, que terminou desaparecendo para sempre seja louvado. ■



Tenha nossos livros em sua casa.  
Compre pelo site [www.segrase.se.gov.br](http://www.segrase.se.gov.br)



**EDISE**

Rua Propriá, 227 - Centro - Aracaju/Sergipe  
(79) 3205-7400  
[www.segrase.se.gov.br](http://www.segrase.se.gov.br) | [segrase@segrase.se.gov.br](mailto:segrase@segrase.se.gov.br)

